



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

LUISA FERIOLI CATELLI

UM ESTUDO DO *REFUS* EM *LA PRINCESSE DE CLÈVES*

CAMPINAS

2016

LUISA FERIOLI CATELLI

UM ESTUDO DO *REFUS* EM *LA PRINCESSE DE CLÈVES*

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Alcir Bernardes Pécora

CAMPINAS

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Antonio Alcir Bernardez Pécora pelas aulas, especialmente as sobre La Rochefoucauld, através das quais conheci as máximas desse moralista e o livro *La Princesse de Clèves*, que é o assunto principal desta monografia. Agradeço também seu trabalho como orientador, pelos atendimentos, sempre demonstrando interesse pelo meu trabalho e respondendo minhas dúvidas.

Agradeço a todos que fizeram parte da minha formação. Em primeiro lugar aos meus pais, Armando Catelli Junior e Teresa Cristina Ferioli Catelli, que sempre incentivaram e investiram nos meus estudos, e ao meu irmão, Lucas F. Catelli, pelas conversas e companheirismo.

Aos professores das escolas onde estudei, Colégio Doctus e Colégio Rio Branco, e às amigas de escola, Fernanda de O. Silva, Amanda Barboza Braz, Laís Jorge Berriel e Marcela Romanin Sguassábia, que até hoje estão presentes na minha vida.

Agradeço aos professores do curso de Física da Unicamp, através do qual aprendi não só a ciência, mas outras lições valiosas. Minha gratidão também a todos que apoiaram a minha decisão de mudar de curso, aos professores do IEL e do CEL pelo conhecimento compartilhado e aos colegas Ana Cecília A. Accetturi, Cintia Lais, João Pedro A. Colletti, Juliana Marquezani, Leonardo Leme, Lara Maria Ferreira e Melissa Franchi pela amizade e momentos de descontração.

Agradeço também às professoras Angela de Noronha Bignami, Elaine Andrade, Lídia Siqueira, Sevane Maria C.C. Pinheiro e Sílvia Regina L. Mariolani, da Aliança Francesa, pelo incentivo durante todos esses anos: o conhecimento que me passaram foi essencial para a realização deste trabalho.

*L'absence diminue les médiocres passions, et augmente les grandes,
comme le vent éteint les bougies, et allume le feu.*

La Rochefoucauld

RESUMO

O romance de Madame de La Fayette, *La Princesse de Clèves* causou polêmica desde sua publicação em 1678, principalmente em relação à escolha final da protagonista em recusar o amor. Essa decisão ainda é uma questão que desperta o interesse de muitos estudiosos da literatura francesa, e nos séculos XX e XXI vários artigos foram publicados sobre o assunto, sendo que é possível separar suas argumentações para o *refus* da princesa em três principais: sua ligação com a mãe, a ligação que teve com o marido, e sua própria experiência com o duque de Nemours, que a leva a perceber na prática, a inconstância do amor e do homem que ama. As máximas de La Rochefoucauld sobre o amor se relacionam a esses três aspectos da escolha da princesa: elas mostram a volubilidade do amor, e seu inevitável fim, como Madame de Chartres ensinou a sua filha, a impossibilidade de coexistência entre amor e casamento, os aspectos nocivos do amor, como a imprudência, a vaidade e o ciúme, além da certeza de que o amor precisa de obstáculos para permanecer vivo.

Palavras-chave: Literatura francesa, A Princesa de Clèves, Madame de La Fayette, o *Refus*, La Rochefoucauld, Máximas

ABSTRACT

The novel of Madame de La Fayette, *La Princesse de Clèves*, has caused controversy since its publication in 1678, specially regarding the protagonist's final choice to refuse love. This decision is still a question that raises the interest of many scholars of French literature, and in the 20th and 21st centuries many articles were published on this matter, being possible to separate the arguments concerning the princess's *refus* in three: her connection with her mother, the bond she had with her husband, and her own experience with the duke de Nemours, that led her to realize, in practice, the inconstancy of love and of the man she loves. The maxims of La Rochefoucauld about love are connected to these three aspects of the princess's choice: they show the volubility of love, its inevitable end, like Madame de Chartres taught her daughter, the impossibility of coexistence between love and marriage, the damaging aspects of love, such as imprudence, vanity and jealousy, besides the certainty that love needs obstacles to survive.

Key words: French literature, The Princess of Clèves, Madame de La Fayette, the *Refus*, La Rochefoucauld, Maxims

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. MADAME DE LA FAYETTE	3
3. A PROGRESSÃO DA AÇÃO EM LA PRINCESSE DE CLÈVES.	6
3.1 A DESCOBERTA DO AMOR	6
3.2 A DESCOBERTA DO CIÚME	9
3.3 A CONFISSÃO DE MADAME DE CLÈVES	11
3.4 A RECUSA DO AMOR	16
4. SÍNTESE DA FORTUNA CRÍTICA DOS SÉCULOS XX E XXI SOBRE O REFUS	22
4.1 A INFLUÊNCIA DE MADAME DE CHARTRES	22
4.2 A LIGAÇÃO COM MONSIEUR DE CLÈVES	27
4.3 A EXPERIÊNCIA COM O AMOR E A BUSCA DO REPOS	31
5. O REFUS E AS MÁXIMAS DE LA ROCHEFOUCAULD	37
5.1 O DUQUE DE LA ROCHEFOUCAULD	37
5.2 LA ROCHEFOUCAULD, MADAME DE LA FAYETTE E LA PRINCESSE DE CLÈVES	38
5.3 O REFUS E AS MÁXIMAS DE LA ROCHEFOUCAULD	40
6. CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

1 INTRODUÇÃO

La Princesse de Clèves foi publicado anonimamente e posteriormente seria descoberto, através de correspondências de membros da corte daquela época¹, que o romance foi escrito por Madame de La Fayette e que ela teria recebido ajuda de seu amigo La Rochefoucauld.

Na época em que o livro foi escrito, os romances passavam por uma transformação, deixando para trás o estilo *précieux*, e adquirindo concisão e enfoque em poucos personagens, muitos deles históricos, e na descrição dos afetos e dilemas das personagens, o que mais tarde foi chamado de “análise psicológica”. Mme de La Fayette segue essa tendência. Ao contrário dos romances da época, e mesmo dos romances anteriores da autora, em *La Princesse de Clèves*, ela não só justifica as motivações das personagens, mas traz a análise para o centro das ações, tornando-a o meio pelo qual a história progride: “C’est parce que Mme de Clèves réfléchit sur ses sentiments, parce qu’elle cherche à les comprendre et à les dominer que l’histoire avance.” (PINGAUD, 1972, p. 372). É essa atenção à construção do “interior” das personagens que fez com que o romance fosse conhecido posteriormente como o primeiro “drama psicológico” francês.

Esta monografia foi feita a partir de uma leitura detida do romance e sobre a polêmica em torno da decisão final de Mme de Clèves, que estando livre para casar-se com o homem que ama, recusa esse amor, escolhendo viver longe dele e da corte. A pesquisa levantou os principais livros e artigos a tratar da questão do *refus*, principalmente escritos nos séculos XX e XXI. Após a leitura desses estudos, organizaram-se as razões para o *refus* de Mme de Clèves em três núcleos principais: a ligação com a mãe (a educação e os valores que lhe foram transmitidos), a ligação com o marido (o afeto, culpa, remorso), e a própria experiência da princesa com M. de Nemours (a sua observação pessoal do comportamento do duque em relação a ela, além da busca pelo *repos*).

O trabalho também se deteve na leitura das máximas do duque de La Rochefoucauld sobre o amor, a fim de investigar as relações possíveis entre elas e o motivo da recusa do amor. Como é sabido, o relacionamento estreito entre Mme de La Fayette e La Rochefoucauld chegou a levantar a suspeita de que o livro tenha sido escrito em colaboração com o duque; sem entrar nessa questão histórica, pensou-se aqui em testar a possibilidade de encontrar relações da

¹ Cartas de Madame de Sévigné, Gilles Ménage, da própria Madame de La Fayette, etc. Essas cartas são citadas no livro *Madame de La Fayette par elle-même*, 1959, de Bernard Pingaud.

concepção amorosa que emerge do modo de pensar da heroína com aquela que é elaborada pelas máximas de La Rochefoucauld.

2 MADAME DE LA FAYETTE

Marie-Madeleine Pioche de La Vergne nasceu em Paris, em 1634. Sua família era de pequena nobreza, mas sua mãe, seguidora da duquesa d’Aiguillon, conseguiu para ela a proteção desta nobre, que a ajuda a se tornar dama de honra da rainha Anne d’Autriche. Nessa mesma época, ela inicia seus estudos em literatura com Ménage, que a introduz nos salões literários mais célebres da época: os de Rambouillet, Scudéry e du-Plessis. Ela conhece também a marquesa de Sévigné, com quem estabelecerá uma amizade duradoura.

Em 1655, casa-se com o conde de La Fayette, que lhe traz fortuna e nome, e tem dois filhos. Ao conhecer Henriette d’Angleterre, esposa do duque de Orléans, as portas da Corte se abrem definitivamente para ela. As qualidades de Madame de La Fayette eram reconhecidas pelos nobres da Corte, e mesmo pelo rei Louis XIV. Ela possuía diversos interesses, como política, guerras, economia, e exercia muita influência sobre as pessoas, tendo muito talento para os negócios. Madame de Sévigné escreve sobre ela: “Jamais femme, sans sortir de sa chambre, n’a fait de si bonnes affaires. Elle a cent bras, elle atteint partout(...)”. (PINGAUD, 1959 , p. 13)

A condessa frequentava os principais salões da sociedade, mas abriu o seu próprio. Como encontrava-se frequentemente doente, o que tornava difícil seu deslocamento, os nobres costumavam frequentar sua casa, de maneira que acabou conhecendo todas as grandes personalidades da época, como Boileau, Huet, Segrais, La Fontaine e o duque de La Rochefoucauld. Com este último, ela começou uma amizade em 1665 que duraria até a morte do duque.

A autora escreveu algumas obras literárias ao longo de sua vida, todas anonimamente. Bernard Pingaud afirma que a escrita não era, para a condessa, algo a ser levado a sério, e que ela confiava pouco em seu talento, pedindo ajuda de amigos e pensando até que não valiam a pena de serem mostradas. Em uma carta a Ménage, ela escreve: “Je ne vous envoie point cette petite histoire qui ne vaut la peine que vous la récriviez.” Por não dar grande importância ao seu trabalho literário “elle écrivait donc en cachette, et toujours fortuitement, et toujours avec le souci d’être exacte plutôt que de briller, de témoigner plutôt que d’inventer”. (PINGAUD, 1959, p. 26).

Dentre suas obras estão *L’Histoire de la Princesse de Montpensier* (1662), escrita

com a ajuda de Ménage, *Zaïde* (1670-71), com a colaboração de La Rochefoucauld, Huet e Segrais, *La Comtesse de Tende* (1724), *La Princesse de Clèves* (1678), com a ajuda de La Rochefoucauld, e *Histoire d'Henriette d'Angleterre* (1720), publicada postumamente.

Em 1678, ocorre a publicação de *La Princesse de Clèves*, que fez grande sucesso e também originou muitas controvérsias, principalmente no que diz respeito à cena do *aveu*: discutiu-se muito na época se seria verossímil uma mulher confessar ao marido seu amor por outro homem. As edições do jornal *Le Mercure Galant* deste mesmo ano mostram as diversas opiniões dos correspondentes do jornal, principalmente sobre a confissão de Madame de Clèves ao marido e sua decisão final de recusar Monsieur de Nemours mesmo estando livre para casar-se com ele. As palavras da própria Madame de La Fayette ilustram a polêmica que o livro causou: “On est partagé sur ce livre là, à se manger.”(PINGAUD, 1959, p. 29). *La Princesse de Clèves* tem uma grande importância na história da literatura francesa, pois utiliza de maneira original a análise psicológica, fazendo com que a análise provoque a ação. São as reflexões da princesa sobre seus sentimentos as responsáveis pela progressão da história.

Em 1680 ocorre a morte de seu grande amigo, o duque de La Rochefoucauld, que a deixa abatida, mas que não será suficiente para torná-la uma pessoa inativa. Sobre isso, Pingaud (1972, p.21) considera:

Mais c'est après la mort du duc qu'on la voit déployer sa plus vive activité diplomatique. Sans aller jusqu'à prétendre, comme Émile Magne, qu'elle fut “vite consolée”, il faut avouer avec lui qu'elle était “trop raisonnable pour entretenir le chagrin rongeur”. Ces chagrins, et les folies qui les provoquent, elle les réservait à ses héros.

Três anos depois morre o conde de La Fayette. Ele e Marie-Madeleine já viviam separados há muitos anos, ela em Paris, ele em suas terras em Auvergne, visitando-a regularmente na capital. Não foram encontradas correspondências entre Mme de La Fayette e seu marido nesse longo período de separação, e nem comentários dela sobre seu falecimento (PINGAUD, 1972).

A partir desse momento, a condessa, ainda sofrendo com as febres e enxaquecas, leva

uma vida cada vez mais retirada da sociedade, não se ocupando mais de escrever nem mesmo às pessoas com quem sempre manteve uma relação estreita, e preocupando-se apenas com o fim da vida. Ela morreu em 1693, em Paris.

3 A PROGRESSÃO DA AÇÃO EM LA PRINCESSE DE CLÈVES

3.1 A DESCOBERTA DO AMOR

A parte inicial do livro² apresenta o ambiente da corte do rei Henri II. É nesse cenário que Mlle de Chartres é introduzida à sociedade por sua mãe, Mme de Chartres, e conhece o futuro marido, M. de Clèves, assim como M. de Nemours, por quem sentirá violenta paixão.

Nessa parte do romance, pode-se observar o comportamento da princesa, alguns de seus pensamentos e sentimentos, principalmente em relação ao marido, a M. de Nemours e à sua mãe, e sua reação a certos acontecimentos. Esses elementos podem ser reveladores, permitindo ao leitor conhecer algo do caráter da protagonista e dos motivos por trás de sua recusa no final do enredo.

O romance se inicia com uma descrição da corte do rei Henri II. As diversas personagens que a compõem são apresentadas em descrições breves, mas que contemplam, além dos títulos de nobreza, o físico, as qualidades, o temperamento e as aptidões de cada uma. É neste cenário, em que se mostram as relações entre os cortesãos, os partidos, as intrigas amorosas e a influência que as pessoas exercem umas sobre as outras, que os personagens principais da trama são apresentados ao leitor. M. de Clèves, que futuramente se casará com a protagonista, é, segundo as palavras do narrador, *parfaitement bien fait*, digno do nome que carrega e prudente, apesar da juventude, além de *brave et magnifique*.

Algumas linhas depois, o leitor tem acesso ao retrato de M. de Nemours, único homem que conseguirá atingir o coração de Mme de Clèves. O duque de Nemours é descrito como incomparável e inimitável, *un chef d'oeuvre de la nature*: era o homem mais belo da corte, possuía em seu rosto e em suas ações um charme que só se via nele, uma vivacidade que agradava a todos, além de mostrar habilidade em tudo o que fazia. M. de Nemours exercia grande fascinação nas mulheres e possuía uma grande disposição à galanteria. Sendo assim, o duque tinha várias amantes, mas suas visitas frequentes à casa da rainha delfina, e a estima especial que esta princesa lhe reservava, faziam com que se acreditasse que ele a amava.

² O exemplar utilizado para este trabalho foi PINGAUD, Bernard (Coaut. de); LA FAYETTE. La princesse de Cleves: et autres romans. Paris: Gallimard, 1972.

Maria Stuart não era a única rainha atraída pelas qualidades do duque. Elizabeth, a nova soberana da Inglaterra, ouvira muito a respeito dele e demonstrava grande interesse em conhecê-lo. Ao saber disso, M. de Nemours envia um homem de confiança à Inglaterra para sondar os sentimentos da rainha e iniciar algum tipo de ligação com ela, enquanto viaja para Bruxelas.

É nesse momento que a protagonista entra em cena pela primeira vez. Mlle de Chartres é uma moça de 16 anos, de uma família importante, uma das grandes herdeiras da França. Dona de uma *beauté parfaite*, ela atrai a admiração de todos, mesmo em uma corte repleta de belas pessoas. Quando o pai da princesa morreu, a mãe, Madame de Chartres, isolou-se do ambiente da corte e se dedicou à educação da filha, ajudando-a a desenvolver a mente, a beleza e a virtude. Além disso, Mme de Chartres ensinava à filha lições sobre o amor e a galanteria, demonstrando a infidelidade dos homens e a infelicidade conjugal que derivava de relações galantes. Ela se esforçava por mostrar à menina como a virtude podia dar elevação a uma jovem nobre e bonita como ela, além de trazer tranquilidade à vida de uma mulher. O único caminho para a felicidade era amar seu marido e ser amada por ele.

No dia seguinte à sua chegada na corte, Mlle de Chartres estava em uma joalheria quando conheceu M. de Clèves. Este foi imediatamente tocado pela beleza e pela modéstia da moça, e apaixonou-se por ela. Quanto a Mlle de Chartres, esta sentiu-se muito embaraçada ao vê-lo, e saiu rapidamente do estabelecimento.

Sua extraordinária beleza atraiu a admiração de todos, e rapidamente outros homens, como M. de Guise e M. de Saint-André, se interessaram por ela. Além do grande número de rivais, outros obstáculos impediam M. de Clèves de se casar com a princesa. O medo de que Mme de Chartres não aceitasse entregar sua filha a um homem que não era o filho mais velho de sua família e a desaprovação de seu pai, duque de Nevers, em relação a esse casamento faziam com que ele temesse não realizar seu desejo.

De fato, a mãe da princesa procurava, dentre os príncipes da corte, aquele que fosse o mais digno de sua filha e que a elevasse acima daqueles que desdenhavam de sua família. Ela escolhe o príncipe delfim, filho do duque de Montpensier, e se serve de suas relações para alcançar seu desígnio, mas Mme de Valentinois, que sentia um grande desafeto pelo vidama de

Chartres, influenciou o rei de tal maneira que este mostrou ao duque de Montpensier como lhe era desagradável esta união e o processo foi interrompido.

O medo de desagradar ao rei ou a Mme de Chartres, que procurava para sua filha um partido excepcional, fez com que ninguém mais ousasse pensar em uma união com Mlle de Chartres. A exceção era M. de Clèves, que continuava disposto a casar-se com ela e que, ao ver-se em completa liberdade de fazê-lo, após a morte de seu pai, faz a proposta a Mlle de Chartres. Ela consulta sua mãe sobre o pedido, e esta lhe diz que M. de Clèves possui muitas qualidades e que se a filha sentisse alguma inclinação por ele, ela aprovava a união.

Mlle de Chartres, apesar de não sentir nenhuma inclinação particular por ele, aceita o pedido. M. de Clèves percebia que a noiva, apesar de sentir por ele estima e reconhecimento, não compartilhava de sua paixão, e após o casamento esses sentimentos não mudaram.

Enquanto isso, M. de Nemours, que se encontrava em Bruxelas, dirige-se a Paris, para preparar sua viagem à Inglaterra. Ao chegar à capital, M. de Nemours vai a um baile no qual conhece Mme de Clèves. Os dois são apresentados e dançam juntos, e ambos sentem uma grande admiração um pelo outro. Os sentimentos de Mme de Clèves se intensificam ao conhecer melhor o duque, e sua mãe percebe que a filha está se apaixonando mesmo que esta não lhe diga nada.

M. de Nemours sentia também uma grande paixão por Mme de Clèves, o que amenizou sua ansiedade em partir para a Inglaterra. Suas visitas à rainha delfina se tornaram mais assíduas porque Mme de Clèves frequentemente estava lá, e ele deixava que os outros membros da corte imaginassem que o motivo era seu amor por essa rainha, porque ele tinha Mme de Clèves em tão alta consideração que se esforçava para disfarçar sua paixão.

Madame de Chartres, que adivinhava os sentimentos da filha antes dela própria, preocupava-se com isso, e tentava convencê-la de que M. de Nemours não gostava realmente dela. Para isso, ela introduzia, nas conversas sobre o duque, comentários sobre a incapacidade dele de se apaixonar e manter um relacionamento sério com uma mulher. Essa avaliação do caráter de M. de Nemours causaram grande dor em Mme de Clèves, que percebeu o quanto estava interessada nesse homem. Ao tomar consciência de seus próprios sentimentos, a princesa decide contar à mãe sobre eles, mas a encontra doente, o que a faz adiar essa resolução.

A doença de Mme de Chartres piora muito e a princesa passa os dias nos aposentos da mãe, cuidando dela, recebendo frequentemente as visitas de M. de Clèves e M. de Nemours. Mme de Clèves não pôde deixar de notar que a visão deste último lhe era muito prazerosa, mas o pensamento de que ela estava sob o domínio das paixões lhe causava muita dor.

Na última conversa entre mãe e filha, Mme de Chartres dá à filha seus últimos conselhos, pedindo a ela que faça todo o possível para não ceder a Nemours, por mais difícil que seja.

Após a morte de Mme de Chartres, M. de Clèves leva a esposa para o campo a fim de passar lá o período do luto.

A primeira parte termina com uma conversa entre Mme de Clèves e o marido, durante a qual ele começa a contar a história de uma mulher que se envolveu em uma aventura galante e teve um triste fim, morrendo ainda jovem e bela. A história de Mme de Tournon parece anunciar a importância que a galanteria terá na vida de Mme de Clèves, assim como um final infeliz.

3.2 A DESCOBERTA DO CIÚME

A segunda parte do romance traz alguns episódios importantes para melhor compreender o caráter de Mme de Clèves: a conversa particular com o duque, após seu retorno a Paris, o acidente de M. de Nemours, o roubo do retrato e o episódio da carta ajudam a desvendar os pensamentos e sentimentos da princesa em relação à paixão que sente e entender as razões por trás de sua decisão final.

O início da segunda parte é marcado pela conversa do casal sobre o caso de Sancerre. Através do relato de M. de Clèves, a protagonista toma conhecimento do sofrimento do amigo de seu marido por causa de Madame de Tournon, uma mulher viúva que prometeu casamento a ele e a outro homem simultaneamente, mesmo após declarar publicamente que jamais se casaria novamente.

Mme de Tournon havia prometido se casar com Sancerre após uma longa viagem que ele deveria fazer. Ao voltar, descobre que a amada havia morrido na véspera de seu retorno, e no dia seguinte sofre ao saber que ela estava noiva também de outro homem, seu amigo Estouteville.

M. de Clèves conta a história detalhadamente, relatando à esposa as palavras de Sancerre e as suas próprias, principalmente seus conselhos ao amigo. Através desse discurso, Mme de Clèves percebe o quanto a sinceridade é importante para o marido.

Ao voltar a Paris, a princesa recebe a visita de várias pessoas, inclusive M. de Nemours, que tenta conseguir uma conversa particular com ela. Nessa ocasião, em um momento em que os dois se encontravam sozinhos, Nemours lhe fala de sua paixão, de maneira disfarçada, tentando ocultar o verdadeiro sentido de suas palavras. Mme de Clèves percebe que se trata dela, e ao vê-lo falar assim de seu amor, ela não tem dúvidas de que o ama e, sem esperanças de deixar de amá-lo, percebe que a melhor decisão a ser tomada seria evitá-lo sempre que possível, para que ele não percebesse os sentimentos que despertava nela.

Entretanto, o tempo de luto tendo passado, a princesa foi obrigada a retornar aos seus hábitos, ou seja, a se tornar mais presente na corte. Assim, ela se viu forçada a frequentar os mesmos lugares que M. de Nemours, e nessas ocasiões, apesar das tentativas de disfarçar seus sentimentos, ela involuntariamente mostrava que não era indiferente a ele.

M. de Nemours, em uma ocasião em que pintavam um retrato de Mme de Clèves e em que muitas pessoas estavam presentes, rouba um pequeno retrato dela que pertence ao marido. Ela vê, mas fica confusa quanto a melhor atitude a ser tomada, e acaba deixando que ele o leve, sem nada dizer.

Sentindo remorso por sua atitude tomada no caso do roubo do retrato, percebendo sua falta de controle sobre as próprias palavras e sobre sua fisionomia, e lembrando-se das palavras de sua mãe antes de morrer, ela chega novamente à conclusão de que a única esperança seria se afastar da corte. Ela também pensa, pela primeira vez, ciente do valor que M. de Clèves dava à sinceridade, que a melhor solução seria confessar a ele sua paixão por M. de Nemours, mas após longas reflexões sobre essa possibilidade, descartou-a, por considerá-la uma loucura.

Alguns dias depois, após uma partida de *jeu de paume* com o rei, M. de Nemours sofre um acidente consideravelmente grave ao montar um cavalo, e as rainhas, acompanhadas de Mme de Clèves, vão ao seu encontro. Esta não conseguiu conter a perturbação que sentira ao presenciar o acidente, e M. de Nemours, ao recuperar os sentidos, percebe a aflição da princesa.

M. de Guise também nota os sentimentos de Mme de Clèves pelo duque e ao acompanhá-la diz isso a ela.

Momentos mais tarde, enquanto Mme de Clèves ponderava sobre sua falta de controle sobre seus sentimentos, a rainha delfina lhe entrega uma carta para que ela leia e verifique se conhece a caligrafia. Essa carta havia sido encontrada por um criado que a vira cair do bolso de M. de Nemours, e, segundo a rainha, provavelmente se tratava de uma carta de galanteria escrita pela amante do duque. A princesa, confusa e sentindo uma dor que nunca sentira antes, dirigiu-se aos seus aposentos e leu a carta.

O conteúdo deixou-a em grande sofrimento. Ela pôde constatar que se tratava de fato de uma carta de galanteria, em que uma de suas amantes confessava a infelicidade em que se encontrava depois de descobrir que o amante havia começado a amar outra mulher. Acreditando que a carta tinha sido endereçada a M. de Nemours, a princesa concluiu que ele não a amava como ela pensava, e o fato de, na ocasião do acidente, ela ter demonstrado involuntariamente seus sentimentos por ele aumentava sua angústia. O que ela sentia era a dor do ciúme, e chegou a pensar que deveria ter seguido a sua decisão de confessar ao marido sua inclinação por ele. Sua aflição era tão grande que ela fingiu estar doente e deitou-se, sem conseguir dormir.

O vidama de Chartres, verdadeiro dono da carta, procurava por ela desesperadamente, quando soube que ela havia sido encontrada durante o *jeu de paume*, e que fora atribuída a Nemours e entregue à rainha delfina. Ao saber do ocorrido, o vidama, desesperado, decide pedir socorro ao duque. Ele segue então para a casa de Nemours, e, ao explicar que a carta era de extrema importância e que poderia prejudicá-lo muito, pois afetaria seu relacionamento com sua amante e despertaria a fúria da rainha, pede que ele confirme ser o verdadeiro dono da carta.

3.3 A CONFISSÃO DE MADAME DE CLÈVES

A terceira parte do romance continua a nos revelar os sentimentos e os pensamentos das personagens, principalmente os de Mme de Clèves, M. de Clèves e M. de Nemours, e as ações deles decorrentes.

O duque responde ao vidama que o que ele lhe pedia era impossível, pois a carta tendo caído do bolso deste último, seria difícil convencer a todos que ela lhe pertencia. O vidama, então, conta ao amigo que foi dito à rainha delfina que a carta pertencia a ele, Nemours. Em suma, alguns atribuíam-na ao vidama e outros, a M. de Nemours. Este fica seriamente preocupado, pois sabia que Mme de Clèves frequentemente estava presente nos aposentos da rainha delfina.

M. de Nemours concorda em ver a rainha delfina e pedir-lhe a carta, mas decide ir antes à casa de Mme de Clèves, que ele imaginava já estar a par de todo o ocorrido, para convencê-la de que ele nada tinha a ver com a carta. Ela não quis recebê-lo, mas o marido pede que ela converse com o duque sobre o assunto, pois é do interesse de seu tio, o vidama de Chartres.

M. de Nemours demora algum tempo para convencê-la de que a carta pertencia ao vidama e não a ele, e só consegue persuadi-la realmente ao mostrar um bilhete que provava que a letra da carta pertencia a uma das amantes de seu tio. Essa prova aquietou o coração de Mme de Clèves, tornando-a mais receptiva, e então ela e Nemours puderam discutir como proceder para salvar a reputação de seu tio. Ficou decidido que a rainha delfina não deveria receber a carta de volta, e Mme de Clèves, ao ser chamada aos aposentos dela, diz que não possui mais a carta. A rainha delfina ordena então que ela refaça a carta, tentando disfarçar a letra, e a entregue no mesmo dia.

Mme de Clèves conta tudo ao marido e pede que ele mande chamar M. de Nemours, para que ela possa fazer uma cópia da carta, mas esta já havia sido restituída à sua dona. Assim, ficou resolvido que Mme de Clèves e M. de Nemours escreveriam-na de memória e a entregariam à rainha delfina.

Assim que cumpriram a tarefa e a princesa se viu sozinha, refletiu sobre como seus sentimentos mudaram desde o momento em que foi persuadida de que a carta pertencia ao seu tio e não ao duque. Desde que recebera a carta da rainha delfina até o momento em que lhe foi revelado ser o vidama de Chartres o verdadeiro interessado, sentira uma dor intensa ao pensar que M. de Nemours amava outra mulher. Ao saber que o amado não era o dono da carta, uma calma reconfortante tomou conta de seu espírito imediatamente. Essa mudança ficara evidente

não só para a própria Mme de Clèves mas também, ela tinha certeza, para M. de Nemours. A frieza com que ela o recebera aquela manhã, ao pensar que a carta lhe pertencia, era uma revelação de sentimentos de ciúme, prova de sua paixão por ele.

A certeza de que M. de Nemours sabia que ela o amava e o fato de ter passado uma tarde sozinha com o duque - o que ela considerava uma traição ao marido – fizeram-na sentir vergonha por parecer tão pouco digna de estima.

O episódio da carta desperta sentimentos em Mme de Clèves que homem algum havia ainda provocado: a desconfiança e o ciúme. Até o momento, a princesa tentara evitar sentir paixão por Nemours e ao ver que o sentimento persistia, buscou disfarçá-lo aos olhos dele e de todos. Mas não havia ainda pensado que o duque poderia amar outra pessoa e, embora as suas suspeitas relacionadas àquela carta tivessem desaparecido, o ocorrido abriu seus olhos para o fato de que poderia ainda ser enganada e sofrer novamente. Ao considerar toda a situação, ela se surpreendeu por não ter pensado como era improvável que M. de Nemours, que sempre demonstrou leviandade em suas relações com as mulheres, fosse capaz de um sentimento duradouro e sincero.

Assim, Mme de Clèves conclui que a solução era se afastar de M. de Nemours, refugiando-se no campo, e decidiu que se o marido se opusesse à sua resolução, exigindo saber suas razões, ela talvez as revelasse. Ficou decidido, então, após hesitação de M. de Clèves, que enquanto este se dirigiria a Compiègne com o rei, Mme de Clèves poderia repousar alguns dias na casa de campo do casal, em Coulommiers.

M. de Nemours sofreu com a ausência da princesa, mas logo encontrou uma maneira de revê-la: decidiu visitar sua irmã, a duquesa de Mercœur, cuja casa era próxima a Coulommiers. O duque dirigiu-se para lá acompanhado do vidama de Chartres, e certo dia, durante uma caça, ele se perde na floresta. Ao se informar sobre o caminho de volta, descobre que está próximo à casa de campo de Mme de Clèves e, num impulso, caminha até lá.

Ao chegar aos jardins de Coulommiers, o duque percebe a presença de Mme de Clèves, que estava acompanhada do marido, e se esconde. Ele não resiste à tentação de contemplar a beleza da princesa e à curiosidade de escutar sua conversa com M. de Clèves.

Naquele momento, Mme de Clèves era interrogada pelo marido, que queria saber a razão de ela não querer voltar a Paris. A princesa responde que precisava de ar, que o ambiente parisiense é sufocante para ela, mas o marido não se convence e a pressiona ainda mais. Mme de Clèves se ajoelha diante do marido e lhe diz a verdadeira razão, o perigo ao qual ela está exposta na corte. Ela pede perdão pelos sentimentos que ela tem e que o fazem sofrer, mas declara sua inocência e afirma suas boas intenções.

M. de Clèves, em aflição extrema, permaneceu quieto, sem reação. Após alguns instantes abraçou a mulher, afirmando que ela era a mais digna das mulheres, mas que ele era o mais infeliz dos homens, pois antes tinha como consolo a ideia de que seu coração era indiferente a todos os homens. M. de Clèves pede que a princesa lhe dê o nome daquele que conseguira conquistá-la, mas ela se recusa a dar tal informação, achando que seria uma atitude imprudente.

M. de Nemours, que escutara cada palavra, não deixava de sentir a mesma curiosidade que o marido de Mme de Clèves. Muitas vezes tivera a impressão de que a princesa não era indiferente a ele, mas ele possuía tantos rivais que esses sentimentos pareciam baseados em fatos levianos demais para que ele tivesse certeza de que era dele que Mme de Clèves falava. Mas essa dúvida só durou um instante, pois o casal teve uma rápida discussão sobre o retrato roubado, e assim M. de Nemours pôde ter a certeza de que era ele a pessoa amada.

O duque estava tão impressionado com o que escutara nos jardins que, ao voltar nesse mesmo dia a Paris com o vidama de Chartres, acaba agindo de maneira imprudente, contando ao amigo o que acontecera, mas dando aos envolvidos nomes fictícios. O vidama desconfiou que a história de amor se referia ao próprio Nemours e não a outro homem, tamanha a emoção deste ao contar o ocorrido.

Enquanto isso, M. de Clèves retornava a Paris ao pedido do rei, a mente ocupada em descobrir o nome do homem que havia conquistado o amor de sua mulher. Quando pensava nisso, três nomes lhe vinham à cabeça: M. de Nemours, M. de Guise e M^{al} de Saint-André. Ao chegar ao Louvre, o rei lhe diz que ele e a esposa haviam sido escolhidos para acompanhar Madame, filha do rei, até a Espanha, para seu casamento. M. de Clèves escreve à mulher imediatamente, para contar a novidade e pedir que ela volte a Paris.

Certa noite, estando Mme e M. de Clèves no Louvre, este tenta descobrir quem é o homem pelo qual a esposa se apaixonara. Ao tocar propositalmente no nome de M. de Nemours, dizendo que este acompanharia o casal até a Espanha, ele observa a inquietude da princesa e conclui que esse homem era o duque. A partir de então, a convivência entre Mme de Clèves e o marido ficou cada vez mais difícil: ela temia que ele tocasse em assuntos embaraçosos, os dois sentiam-se desconfortáveis, e os momentos se alternavam entre cumplicidade e frieza.

Enquanto isso, seu tio, o vidama de Chartres, impressionado com a história que ouvira do duque no dia de retorno a Paris e desconfiado que Nemours fosse o protagonista, pede ajuda a Mme de Martigues para observar o comportamento de M. de Nemours e tentar descobrir o ocorrido. Em poucos dias, a rainha delfina, que estava a par dessa história, manda chamar Mme de Clèves aos seus aposentos. Ela lhe conta a aventura de M. de Nemours e da dama da corte que havia confessado ao marido sua paixão por ele, afirmando que essa história havia sido relatada pelo próprio duque ao vidama de Chartres, ainda que sem nomear as pessoas envolvidas. Ao perceber que sua história não era mais secreta, a princesa sentiu um grande desespero, mas tentou recompor-se, dizendo à rainha que ela era inverossímil.

Neste momento, M. de Nemours aparece e a rainha delfina lhe pergunta se ele era o verdadeiro protagonista dessa história, o que o deixa extremamente embaraçado. Mas ele se recompõe rapidamente e finge estar decepcionado com o vidama de Chartres, por este ter contado o segredo de um amigo seu, que ele próprio prometera guardar. A explicação de M. de Nemours foi tão convincente que a rainha finalmente acredita que não é dele que se trata a aventura que lhe contaram, e sai do aposento. Mme de Clèves também sai rapidamente, fingindo não escutar Nemours.

Quando seu marido aparece mais tarde, Mme de Clèves o acusa de ter contado a alguém toda a história da confissão para tentar descobrir quem era o homem que ela amava. Ele não somente se declara inocente, como também dirige essa mesma acusação à esposa. Para M. e Mme de Clèves essa confissão não fora testemunhada por ninguém, por isso somente poderia ter sido revelada por um dos dois, o que despertou em ambos desconfiança em relação ao outro.

M. de Clèves não sabia mais o que pensar da esposa, e não sabia como guiá-la e como ele mesmo deveria se comportar. Por fim, como sua viagem à Espanha se aproximava, decidiu

não tomar nenhuma atitude que pudesse agravar a situação. Assim, pediu à princesa que tratasse Nemours com frieza para dissuadi-lo da ideia de que era amado por ela, mas que, acima de tudo, ela se comportasse normalmente, comparecendo a todos os seus afazeres e reuniões na corte.

De tudo o que havia ocorrido, o comportamento de Nemours era o que mais perturbava Mme de Clèves, pois ela tinha certeza de que ele havia contado o ocorrido ao vidama de Chartres.

M. de Nemours estava muito aflito por tê-la colocado em tal situação. Ele resolveu então que, após tudo o que havia feito, a melhor atitude seria mostrar seu respeito através do silêncio e da distância. No dia do casamento de Madame, filha do rei, M. de Nemours manteve-se afastado de Mme de Clèves, apesar de ter tido muitas oportunidades de falar com ela a sós, e demonstrou o tempo todo muita tristeza, o que impressionou Mme de Clèves, que o considerou menos culpado.

No dia seguinte realizou-se o torneio, em que M. de Nemours competiu com M. de Ferrare, M. de Guise e o rei. Mme de Clèves sentiu uma grande emoção ao ver o duque, e toda vez que ele aparecia na competição, ela não conseguia esconder sua alegria. Após o final do torneio, o rei quis competir ainda uma vez com M. de Montgomery, e o resultado da competição foi trágico: a lança de M. de Montgomery atingiu o olho do rei e apesar de ser atendido por um médico de grande reputação, este não via esperanças de cura para o soberano.

A corte estava inteiramente ocupada com o estado de saúde de Henri II, que era gravíssimo, e todas as rainhas, príncipes e princesas permaneciam quase todo o tempo em sua antecâmara. Sabendo que essa era sua obrigação, mas com medo de rever M. de Nemours e não conseguir esconder seus sentimentos, Mme de Clèves finge estar doente para não arriscar-se a encontrá-lo.

3.4 A RECUSA DO AMOR

A quarta parte do romance trará o desfecho da narrativa, com a morte de M. de Clèves e a recusa de Mme de Clèves em se casar com o homem que ama.

Enquanto a corte se dirigia a Reims, para a cerimônia de coroação do novo rei, Mme de Clèves, com o consentimento do marido, segue para Coulommiers.

M. de Nemours, ao saber que ela não iria a Reims e sentindo que não poderia viajar sem vê-la mais uma vez, decide ir à sua casa fazer-lhe uma visita. Mme de Clèves, porém, não o recebe, temendo expor seus sentimentos a esse príncipe e inquietar seu marido. Este, porém, soube por Mesdames de Nevers e Mme de Martigues, que haviam acabado de sair de sua casa, que M. de Nemours havia aparecido por lá. M. de Clèves, sofrendo de ciúme, dirigiu-se imediatamente à sua casa, e lá encontrou-a sozinha. Ao perguntar se ela havia visto M. de Nemours, ela responde que não, pois sentira um mal-estar repentino. O marido a repreende por ter tratado M. de Nemours de maneira tão distinta, e expõe seus sentimentos à esposa, dizendo ser o mais infeliz dos homens, que tem sentimentos contraditórios de amor e ódio em relação a ela, e que não consegue mais conservar a calma nem a razão. Ele a deixa após essas palavras e viaja no dia seguinte sem vê-la.

Durante sua ausência, porém, eles trocam cartas nas quais ele demonstra novamente sua paixão e seu caráter honesto e doce, o que aumenta em Mme de Clèves um senso de dever em relação ao marido. Ela, por sua vez, o acalma com palavras sobre sua conduta do passado e do futuro. Alguns dias depois, ela parte para Coulommiers, onde passa a viver em uma solidão quase completa, passeando sozinha pelos jardins à noite, evitando a companhia dos empregados, e apenas recebeu como visita Mme de Martigues, que viera passar alguns dias na propriedade.

Esta, ao voltar para a corte, estabelecida agora em Chambord, descreve para a rainha as belezas de Coulommiers e dá notícias de Mme de Clèves, revelando que esta passava as noites caminhando nos jardins. Tanto M. de Clèves quanto M. de Nemours escutam a conversa, e quando este faz mais perguntas a Mme de Martigues, aquele adivinha os pensamentos do duque, que planejava ir à Coulommiers para ver a princesa.

Assim, quando M. de Nemours pede permissão ao rei para ir a Paris, M. de Clèves, pressupondo que seu rival estava na verdade se dirigindo a Coulommiers, envia um homem de confiança para segui-lo e observá-lo, e depois relatar tudo o que vira.

O duque partiu para lá e, parando em uma aldeia próxima a Coulommiers, esperou a noite chegar para adentrar seus jardins. Ao conseguir invadir a propriedade, ele se dirige ao aposento iluminado onde ele imaginava encontrar Mme de Clèves. Esta repousava em uma cama enquanto enrolava fitas coloridas em uma bengala que pertencera a M. de Nemours. Após terminar esse trabalho, levantou-se e dirigiu-se até o quadro que representava o *siège* de Metz, em que havia uma pintura do duque, e admirou-a apaixonadamente.

M. de Nemours, dividido entre o desejo de se revelar à princesa e o medo que sentia de uma reação negativa da parte dela, ficou parado alguns instantes, e quando decidiu dar alguns passos em direção a Mme de Clèves, fez um barulho que chamou sua atenção. Ela o viu e imediatamente saiu da sala.

Na noite seguinte, M. de Nemours entra novamente pelos jardins, mas desta vez Mme de Clèves havia tomado o cuidado de fechar todas as portas, pois ela não sabia se ainda teria forças para fugir de sua presença. Não se conformando em partir sem ver a princesa, o duque resolve visitar Coulommiers acompanhado de sua irmã, Mme de Mercoeur. Assim ele poderia ver Mme de Clèves e tentar falar a sós com ela. Porém, M. de Nemours não realiza seu desejo, pois a princesa percebe sua intenção e consegue esquivar-se. Ele é obrigado então a partir de volta para a corte.

O cavalheiro de confiança designado para seguir M. de Nemours, ao voltar a Chambord, comunica a M. de Clèves que o duque entrara duas noites seguidas nos jardins da propriedade e no dia seguinte fizera uma visita com sua irmã. Ele acrescenta que não vira nada que pudesse julgar com certeza, mas M. de Clèves, sem forças para escutá-lo, manda-o se retirar.

O príncipe não pôde resistir ao desespero que essas notícias lhe trouxeram e ficou gravemente doente. Mme de Clèves foi avisada do estado de seu marido e dirigiu-se imediatamente para Blois, onde a corte se instalara agora, mas chegando lá ficou surpresa ao encontrar M. de Clèves tão frio em relação a ela. Certo dia, estando Mme de Clèves ajoelhada, chorando ao lado de sua cama, ele não resistiu e revelou toda a sua amargura em relação a ela, acusando-a de tê-lo traído, chamando-a de criminosa, culpando-a por sua morte. Ele afirma ainda que um dia ela perceberia a diferença entre o amor verdadeiro e legítimo de um marido como ele e o de um homem que apenas tentava seduzi-la.

Mme de Clèves responde às acusações do marido de ter passado duas noites com M. de Nemours. Ela se defende, dizendo que os criados poderiam confirmar sua conduta, e quando M. de Clèves finalmente acredita, já está quase sem vida. Suas últimas palavras foram um pedido à esposa de que sua memória lhe fosse cara.

A intensidade da dor de Mme de Clèves quase a fez perder a razão. Assim que recuperou um pouco das forças percebeu que havia perdido um excelente marido, e que ela era a razão de sua morte. Assim, ao voltar à sua casa em Paris, ela deu ordens aos empregados de não receber ninguém e de nem mesmo comunicá-la sobre as pessoas que a procurassem. M. de Nemours soube dessa resolução ao tentar visitá-la e saber notícias suas, e concluiu que seria melhor afastar-se por um tempo.

Mme de Clèves ainda sofria com a ideia de que um marido que a amava, e a quem ela tanto devia, morrera por causa dela e de M. de Nemours. Esse pensamento não lhe saía da cabeça, e ela lembrava com frequência do medo que M. de Clèves expressara de que ela se casasse com o duque após sua morte.

Após alguns meses, durante os quais a aflição da princesa deu lugar a um estado de tristeza e languidez, Mme de Martigues lhe faz uma visita e para distraí-la conta todas as novidades sobre a corte, inclusive sobre M. de Nemours, que estava mudado, mais triste e bem menos disposto à galanteria, e naquele momento se encontrava em Paris. Ao saber disso, Mme de Clèves volta ao estado de agitação anterior e decide sair para tomar um ar em um jardim fora de sua propriedade. Após uma longa caminhada, ela percebe um homem, que parecia mergulhado em pensamentos, deitado em alguns bancos e reconhece M. de Nemours, mas este ouve seus passos e sai sem nem mesmo olhar quem se aproximava.

A paixão que ela sentia por esse príncipe, e que havia sido encoberta pela dor da morte do marido, voltou com grande violência. Dois pensamentos distintos ocuparam sua mente: M. de Nemours parecia-lhe agora um homem digno de ser amado, afinal nutria por ela uma forte paixão apesar da distância, que ele mantinha por respeito, e isolara-se da corte e da galanteria por amor a ela. Apesar disso, ela não conseguia esquecer que esse mesmo homem era a causa da morte de seu marido, e lhe parecia um crime unir-se a ele. Além disso, ela previa outros males que poderiam colocar em risco sua tranquilidade.

Enquanto isso, M. de Nemours decide aproximar-se novamente da princesa. Ele procura dessa vez o vidama de Chartres e confessa o amor que sentia por sua sobrinha, pedindo a ajuda deste para conseguir uma conversa com ela. O vidama encontra algum pretexto para trazê-la à sua casa, e ao chegar lá ela se depara com M. de Nemours. Ocorre, nesse momento, a última conversa entre os dois.

M. de Nemours e Mme de Clèves confessam a paixão que sentem um pelo outro. Mas após revelar seu amor, a princesa afirma ao duque que nada se seguirá a essa declaração, pois ela deve obedecer as regras impostas pelo seu dever. Como Nemours protesta, dizendo que já não existe dever algum, ela diz que os dois são os responsáveis pela morte de seu marido, e manifesta sua preocupação em relação às infelicidades que ela prevê dessa união.

Mme de Clèves afirma que, cedendo ao pedido de M. de Nemours, este deixará de amá-la com o tempo e transferirá seu afeto para outra mulher, trazendo a ela todos os sofrimentos terríveis que o ciúme pode provocar. A certeza da princesa sobre o futuro é baseada na sua crença de que os homens são inconstantes e explica que a constância que o duque mostrou até o momento deve-se aos obstáculos impostos a ele até então, além de observar que ele apresenta todas as qualidades e a disposição necessárias para o sucesso na galanteria. Mme de Clèves destaca a importância da tranquilidade que ela busca, e que seria comprometida se ela se casasse com um homem que ama. Por fim, ela pede a M. de Nemours que não a procure mais, e o deixa em seguida.

Os pensamentos de Mme de Clèves não ficaram menos confusos após a conversa. Ela ainda sentia a violência de sua paixão pelo duque e ao mesmo tempo a força de seu dever em relação a M. de Clèves. Para tranquilizar-se, optou por manter-se afastada de M. de Nemours enquanto refletia sobre sua situação.

Esse isolamento provocou na princesa uma recordação muito forte de M. de Clèves e de seu dever em relação a ele. Essa lembrança, somada à insegurança que sentia em relação à constância de M. de Nemours, levou Mme de Clèves a afastar-se da corte, instalando-se em sua propriedade nos Pirineus. Ao voltar, ela ficou gravemente doente, e sua recuperação não foi

completa, permanecendo em um estado de languidez que a aproximava ainda mais da memória do falecido marido e afastava seus pensamentos da vida mundana.

Ela decidiu então instalar-se em uma casa religiosa, e pensar somente nas coisas da outra vida. M. de Nemours tentou vê-la a todo custo, e pediu ao vidama de Chartres e à rainha que escrevessem a ela, mas nada fê-la mudar de ideia. Enfim, anos depois, a dor e a paixão foram apagadas do coração de M. de Nemours, e Mme de Clèves, que morreu cedo, passou os últimos anos de sua vida dividida entre sua residência e a casa religiosa.

4. SÍNTESE DA FORTUNA CRÍTICA DOS SÉCULOS XX E XXI SOBRE O *REFUS*

A polêmica em torno do *refus* de Mme de Clèves continua a despertar a atenção dos críticos durante todo o século XX e também no XXI, rendendo vários livros e artigos sobre o assunto. Cada uma dessas publicações traz uma nova possibilidade, um novo argumento ou uma nova maneira de entender as razões da escolha da protagonista, que organizou-se aqui em três principais.

A primeira que será apresentada no estudo a seguir enfatiza a relação da protagonista com a mãe e com os ensinamentos que esta lhe transmitiu desde a infância, colocando esse laço entre mãe e filha como o principal fator que levou a princesa à renúncia final. A segunda leitura destaca sua ligação com M. de Clèves - seja ela de afeto, culpa ou dependência - que, segundo alguns críticos, apresenta-se como o principal motivo da recusa. Por fim, a terceira interpretação vê na decisão da princesa o medo do amor e também da inconstância do homem amado, baseado em suas próprias experiências.

Alguns dos críticos, como Valentini Brady, fazem uma análise psicológica do comportamento da princesa através de métodos da psicologia, outros, como René Pommier, se valem do close reading para tentar desvendar os mistérios desse romance, que permanece um assunto inesgotado até os dias de hoje. O fato é que, independentemente da interpretação defendida ou do método utilizado para o estudo desse aspecto da obra, grande parte dos argumentos apresentados nos artigos estudados para a elaboração deste trabalho encontram corroboração nas passagens do texto de Madame de La Fayette.

4.1. A INFLUÊNCIA DE MADAME DE CHARTRES

Através das palavras do narrador, o leitor toma conhecimento da infância da princesa: a morte do pai quando ainda era pequena, a decisão da mãe de criá-la e educá-la sozinha longe da corte e os ensinamentos que esta lhe transmitiu. É notável no romance a influência de Madame de Chartres sobre sua filha: os princípios morais que lhe foram ensinados, além da desconfiança em relação aos homens e a crença de que amar é sofrer, ficam impressos em Mme de Clèves e lhe servem de guia mesmo após a morte da mãe. Por essa razão, muitos críticos argumentam que a

decisão final da princesa em recusar M. de Nemours e o mundo da corte é uma consequência dessa relação entre mãe e filha.

Mesmo os críticos que não reconhecem que a ligação com a mãe tenha sido a única ou principal motivação da princesa não ignoram a importância desse fator. De acordo com Marie-Odile Sweetser, autora do artigo *La Princesse de Clèves et son unité*, Mme de Clèves recusa Nemours por três motivos: a culpa que ela atribui ao duque pela morte de seu marido, a inconstância de Nemours e sua ligação afetiva com a mãe e com M. de Clèves, que resultará numa tentativa de atender aos pedidos que ambos fizeram no leito de morte. Para Sweetser (1972, p. 485), o apelo de Mme de Chartres inspirará a princesa a seguir seus conselhos:

Son intervention, les conseils précis, pressants qu'elle donne à sa fille vont contribuer à faire adopter à cette dernière une ligne de conduite destinée à l'éloigner de Nemours et de la cour. Ce sera surtout parce qu'elle fait appel aux sentiments d'amour filial de la princesse que Mme de Chartres réussira à lui inspirer une détermination ferme et sincère de lutter contre la tentation.

Ela chama a atenção para o vocabulário usado por Mme de La Fayette ao narrar as últimas palavras de Mme de Chartres, que levam o leitor a sentir a profundidade da ligação entre mãe e filha:

Mme de Cleves *fondait en larmes* sur la main de sa mère, qu'elle *tenait serré entre les siennes* et Mme de Chartres se sentant *touchée* elle-même: -Adieu, ma fille, lui dit-elle, finissons une conversation qui nous *attendrit* trop l'une et l'autre, et souvenez vous, si vous pouvez, de tout ce que je viens de vous dire. (Sweetser, 1972, p. 485)

Mme de Chartres passou os últimos minutos de sua vida reforçando as lições que ensinou à filha. Uma dessas lições, enfatiza Sweetser (1972, p. 484), é que a verdadeira felicidade de uma mulher, que é a de amar seu marido e ser amada por ele, se baseia na prática da virtude e na aceitação do dever e é muito diferente do prazer. Esses conselhos guiarão a conduta de Mme de Clèves, que se esforçará para resistir a Nemours, colocando dever, tranquilidade e virtude acima dos prazeres que a união com o duque poderia trazer.

O fato que leva Mme de Clèves a seguir os conselhos de sua mãe, além da sensibilidade, como apontou Marie-Odile Sweetser, é a forte dependência que ela apresenta de Mme de Chartres. Em *A Woman's choice: Duty and desire in La Princesse de Clèves*, Nelly Grossman Kupper cita algumas palavras ditas por Mme de Chartres em seu leito de morte e chama a atenção para a manipulação da mãe sobre a filha. Segundo Kupper (2001, p. 102), o discurso de Mme de Chartres serve para reforçar a dependência da filha em relação a ela, e, ao utilizar expressões como “le peril où je vous laisse”, “vous êtes sur le bord du précipice” e “il faut de grandes violences pour vous retenir” ela intensifica o medo da filha de ser deixada sozinha. Assim, ela mina a autoconfiança da princesa, o que a deixa mais receptiva aos seus conselhos. Além disso, Mme de Chartres relembra a importância que a reputação da filha tem para ela, o que faria com que a princesa se sentisse culpada caso não atendesse aos desejos da mãe, e por último expõe as consequências catastróficas caso ela não siga seus conselhos.

Clearly, Mme de Chartres wants her daughter to know that she will bear the responsibility of her mother's death if she allows herself to be seduced by Nemours. There is no question here about the mother's intent and effectiveness in thwarting the daughter's freedom.(KUPPER, 2001, p. 103)

Kupper (2001, p. 104) lembra que é após a morte da mãe que Mme de Clèves decide se afastar de Nemours pela primeira vez, o que mostra que ela quer honrar os desejos de Mme de Chartres. Em sua última conversa com Nemours, ao apresentar o seu “devoir”, ou seja, aquilo que é esperado dela, como uma das razões para não aceitá-lo como marido, ela usa as palavras que sua mãe costumava usar ao ensiná-la, como se estivesse lhe dando voz: “devoir”, “il n'y a rien de plus difficile”, “je me défie de mes forces”.

É notável a insistência de Mme de Chartres no fato de que o amor é sinônimo de sofrimento para as mulheres e de que os homens enganam e traem, e esse conceito é sem dúvida apreendido pela menina, que o leva consigo até o momento da recusa. Em *La Princesse de Clèves and the refusal of love: heroic denial or pathetic submission?*, Valentini P. Brady usa o conceito de *Life Scripts* para avaliar se a decisão da princesa foi independente ou se foi uma consequência da educação rigorosa - e pessimista em relação ao amor - que sua mãe lhe proporcionou. Esse

método, elaborado pelo psiquiatra Eric Berne, sustenta que a criança (ou adolescente) faz conscientemente um plano de vida na infância, que é reforçado pelos pais e por certos acontecimentos. Esse plano influencia o resto de sua vida. O *script* é baseado em injunções específicas (inibições) e atribuições colocadas pelos pais e outros adultos significantes em sua vida.

Assim como Nelly Kupper, Brady vê a escolha de Mme de Clèves como uma forma de atender às expectativas de sua mãe. Ela lembra que Mme de Chartres tem uma visão negativa da corte, que é um lugar de intrigas amorosas, e ao decidir inserir sua filha neste meio, ela se dedica à sua educação, tentando condicioná-la a desconfiar dos homens, do amor e dos próprios sentimentos. Para Brady (2000, p. 522), Mme de Chartres aprova o casamento da filha com M. de Clèves porque ela não o ama, e não sendo apaixonada pelo marido ela seria menos influenciada por ele e se manteria próxima da mãe. Mme de Chartres, por sua vez, vê no comportamento da corte a confirmação de tudo o que a mãe lhe ensinara desde a infância, e mais do que nunca ela elege Mme de Chartres como sua referência, tornando-se ainda mais dependente dela. Assim, sua decisão de aceitar o casamento com M. de Clèves, mesmo sem amor, teria origem na sua inclinação, construída pelos ensinamentos da mãe, de evitar o amor.

Pouco antes de sua morte, durante sua última conversa com a filha, Mme de Chartres condena o amor que ela sente por Nemours e suas palavras agem como uma chantagem emocional. Segundo Valentini Brady (2000, p. 524), a princesa se sente culpada pela morte da mãe e vê nisso um tipo de punição por esse amor ilícito, trazendo mais uma vez uma ligação entre o amor e a dor:

It may well be at that point that the Princess is finally “scripted” never to give in to her passion for Nemours, a “scripting” which will be reinforced later by her husband’s admonitions and his ultimate death.

A mãe fala com autoridade na hora da morte, quando aconselha a filha a se retirar da corte e tomar decisões difíceis se necessárias: ela praticamente guia a filha, passo a passo, rumo à sua decisão de recusar o amor. Assim, Brady conclui que a recusa da heroína parece ser a

submissão a um roteiro de vida trágico, prescrito principalmente pela mãe e do qual ela não consegue se libertar.

Outro aspecto dos ensinamentos de Mme de Chartres é a ênfase dada à elevação, à distinção da princesa em relação às outras mulheres da corte. Ela ensina à filha que a mulher deveria ser, além de verdadeiramente virtuosa e fiel ao marido, virtuosa e inatingível aos olhos do mundo. Ou seja, Mme de Clèves deveria se destacar das outras mulheres da corte, ser diferente:

Pendant cette absence, elle avait donné ses soins à l'éducation de sa fille ; mais elle ne travailla pas seulement à cultiver son esprit et sa beauté ; elle songea aussi à lui donner de la vertu et à la lui rendre aimable. (...)elle faisait souvent à sa fille des peintures de l'amour ; elle lui montrait ce qu'il a d'agréable pour la persuader plus aisément sur ce qu'elle lui en apprenait de dangereux ; elle lui contait le peu de sincérité des hommes, leurs tromperies et leur infidélité, les malheurs domestiques où plongent les engagements ; et elle lui faisait voir, d'un autre côté, quelle tranquillité suivait la vie d'une honnête femme, et *combien la vertu donnait d'éclat et d'élévation à une personne qui avait de la beauté et de la naissance*. (PINGAUD, 1972, p. 137)

Em *The Dynamics of Jealousy in the Work of Madame de Lafayette*, Michael Koppisch (1979, p. 769) afirma que a princesa reconhece que somente os obstáculos mantêm o amor vivo, sendo a dignidade e a auto-estima incompatíveis com esse tipo de amor, e que para ser admirada pelos outros como uma pessoa que apresenta uma verdadeira *maîtrise de soi*, é preciso renunciar a ele: “Only by renouncing this love can Madame de Cleves accept herself as that person endowed with the unfailing sense of decorum and perfect self-control which she wanted others to admire in her.”

Ao renunciar a seu grande amor em favor da aparência - da imagem que ela projeta na sociedade - conforme o desejo de sua mãe, mesmo após a morte desta, a princesa mostra como os ensinamentos de Mme de Chartres são importantes para ela e influenciam sua vida.

Pode-se perceber, então, que a relação entre Mme de Chartres e Mme de Clèves é considerada pela crítica um fator importante na escolha final da protagonista. A ligação afetiva

que existia entre as duas fez com que Mme de Clèves ansiasse por atender os pedidos que a mãe fez no leito de morte, pois se sentiu tocada por eles. A educação que a mãe proporcionou a ela, também pode ter acentuado a sua dependência em relação às orientações de Mme de Chartres, talvez impedindo-a de tomar uma decisão própria, com mais independência. Além disso, como Brady mencionou, a insistência da mãe em ressaltar as falhas dos homens – infidelidade, inconstância – e os sofrimentos que o amor provoca, pode ter influenciado a princesa a fazer escolhas que a levaram a recusar o amor para sempre.

4.2 A LIGAÇÃO COM MONSIEUR DE CLÈVES

Muitos críticos e historiadores da literatura, como Marie-Odile Sweetser, Harriet Allentuch, Valentini Brady, Francis Lawrence, Gustave Lanson e Mme Magny veem na recusa de Mme de Clèves um gesto que deriva da profundidade de sua ligação com o marido, seja ela de afeto, dependência ou culpa.

Em seu artigo *La princesse de Clèves et son unité*, Sweetser apresenta a profundidade do laço existente entre a princesa e o marido. Ela chama a atenção para o fato de que a morte do marido, assim como a da mãe, é um dos momentos de maior emoção para a princesa, e terá um papel fundamental em sua conduta e em sua escolha final:

Ces scenes pleines d'émotion profonde, mais contenue, constituent les deux points tournants du roman, les deux sommets émotifs dans le développement intérieur de l'héroïne. Les personnes aimées, au moment suprême de la séparation, lui tracent, pour ainsi dire, le chemin à suivre au cours de l'épreuve qui s'annonce et suscitent en elle des sentiments capables de guider et d'inspirer sa conduite. (SWEETSER, 1972, p. 485)

A autora do artigo ilustra com uma passagem do romance, que ocorre durante o agravamento da doença de Mme de Chartres, a dependência da princesa em relação ao marido, quando este ainda estava vivo, para conseguir se proteger de Nemours, assim como sua estima por ele e sua vontade de ser sempre digna dele:

La manière dont M. de Clèves en usait pour elle lui faisait souhaiter plus fortement que jamais de ne manquer à rien de ce qu'elle lui devait. Elle

lui témoignait aussi plus d'amitié et plus de tendresse qu'elle n'avait encore fait; elle ne voulait point qu'il la quittât, et il lui semblait qu'à force de s'attacher à lui, il la défendrait contre M. de Nemours. (SWEETSER, 1972, p. 485)

Claude-Edmonde Magny, em *Histoire du roman français*, mostra a admiração que a princesa sente pelo marido, pelo seu comportamento após a confissão e pelo amor idealizado que soube devotar a ela. Ela o elege, portanto, como seu tutor, papel que antes cabia à sua mãe:

Tout comme la princesse elle-même au long du roman, ne cesse de se chercher un guide, un maître à vivre (qu'elle craigne de ne le point trouver em Nemours est sans doute l'une des raisons de la rupture finale entre eux) qui lui est fourni d'abord par sa mère, puis, à la mort de celle-ci, qui la laisse désemparée, par M. de Clèves: grâce d'abord à l'admirable conduite qu'il tient après l'aveu, ensuite à sa mort qui, préservant de toute déchéance l'amour idéal qu'il a su lui vouer la pourvoit à tout jamais, en la personne de ce mari héroïque et défunt, martyr de la passion, du précepteur métaphysique qu'elle a toute sa vie désiré. (MAGNY, 1950, p. 107)

Nesse trecho também fica claro que, para Mme Magny, a princesa reconhecia a diferença entre o caráter de Nemours e de M. de Clèves. A percepção de Mme de Clèves da diferença entre o amor dos dois homens é demonstrada também em *La Princesse de Clèves et son uinté*:

Elle comprend combien la passion de Nemours, désir de conquête: "je crois même que les obstacles ont fait votre constance," diffère de celle de son mari, véritable culte: "M. de Cleves était peut-être l'unique homme du monde capable de conserver de l'amour dans le mariage" (SWEETSER, 1972, p. 488)

A autora do artigo mostra também a diferença do sentimento que aflora em Mme de Clèves em dois momentos marcantes de sua vida: quando o marido morre e quando ela se despede de Nemours para sempre:

Il y a un abîme entre les deux formes d'émotion et leur nature: désespoir véritable d'avoir connu trop tard à quel point son mari l'aimait d'une part, larmes mélancoliques des adieux à sa jeunesse, à son premier amour, à

ses rêves personifiés par Nemours d'autre part. (SWEETSER, 1972, p. 487)

Sweetser (1972, p. 487) ilustra essa diferença de sentimentos ao lembrar que a princesa“(...) ne sortait point de la chambre de son mari et avait une douleur violente de l'état où elle le voyait” e que apresentava nessa ocasião “le visage tout couvert de larmes” enquanto, em sua conversa de despedida com Nemours, ela o olhava “avec des yeux un peu grossis par les larmes”.

Ela recorda que nessa passagem M. de Clèves ainda não tinha acusado a princesa de matá-lo, o que indica que as lágrimas de Mme de Clèves se deviam realmente ao afeto que ela sentia pelo marido, e não por culpa ou remorso.

Ela afirma ainda que a fidelidade à memória do marido irá guiá-la em sua prova de resistir a Nemours, mesmo após a morte daquele. Segundo Sweetser, a lembrança de M. de Clèves fortifica seu senso de dever, através de um sentimento de ternura e de reconhecimento, ajudando-a a se afastar do mundo. Essa ligação entre eles faz com que a princesa queira preservar a memória do marido e atender seu desejo, que ele fez na hora da morte, de que ela não se case com Nemours.

Para Harriet Ray Allentuch, a protagonista se sente ligada ao marido, mesmo depois de morto, por honra e lealdade. Aceitar o casamento com Nemours seria desonrar a memória de M. de Clèves, já que, na opinião da princesa, o duque é claramente o responsável pela morte dele. Na verdade, ela se sente em débito com M. de Clèves. Em *The Will to Refuse in the Princesse de Clèves*, Allentuch (1975, p. 190) afirma:

(...) she discovers within herself the enduring burden of unpaid debts - Cleves's loyalty and esteem never rewarded with her love, his torment from jealousy, his death-bed wish that she not remarry, Nemours's link, as agent of her passion and disseminator of her confession, to her husband's death. All this makes a new marriage an offense against the old. “Quand ... elle se souvint aussi que ce meme homme, qu'elle regardait comme pouvant l'épouser, était celui qu'elle avait aimé du vivant de son mari et

qui était la cause de sa mort; que meme, en mourant, il lui avait témoigné de la crainte qu'elle ne l'épousât, son austère vertu était si blessée de cette imagination qu'elle ne trouvait guère moins de crime à épouser M. de Nemours qu'elle en avait trouvé à l'aimer pendant la vie de son mari”.

A seguinte fala de Mme de Clèves é citada por Allentuch (1975, p. 191), que afirma que, na mente da princesa, ela está sendo leal à memória do marido ao recusar Nemours:

Il n'est que trop véritable que vous êtes cause de la mort de monsieur de Clèves ; les soupçons que lui a donnés votre conduite inconsidérée lui ont coûté la vie, comme si vous la lui aviez ôtée de vos propres mains. Voyez ce que je devrais faire, si vous en étiez venus ensemble à ces extrémités, et que le même malheur en fût arrivé. Je sais bien que ce n'est pas la même chose à l'égard du monde ; mais au mien il n'y a aucune différence, puisque je sais que c'est par vous qu'il est mort, et que c'est à cause de moi.

Em *La Princesse de Clèves and the refusal of love: heroic denial or pathetic submission?* Valentini P. Brady compara o efeito das palavras de M. de Clèves no momento de sua morte com aquele provocado pelo último discurso da mãe. Antes de morrer, o marido afirma a ela que ela é responsável por sua morte, e pede que sua memória lhe seja cara, o que representa uma injunção: “não ame ninguém, não se case novamente”. Ou seja, seu marido a chantageou emocionalmente no momento da morte. Dessa maneira, Mme de Clèves associa a perda de seu marido ao seu amor por Nemours, assim como aconteceu com a morte da mãe, o que fortalece ainda mais a culpa e a raiva que sente de si mesma (BRADY, 2000).

Francis Lawrence, em *La princesse de Clèves reconsidered*, discorda dos críticos que dizem que o “devoir” é mera justificativa para sua recusa em casar-se com Nemours:

It is true that this duty exists only in her imagination-where else would one expect to find a reproachful phantom? "Pourrais-je m'accoutumer à celui [le malheur] de croire voir toujours M. de Cleves vous accuser de sa mort, me reprocher de vous avoir aimé, de vous avoir épousé et me faire sentir la différence de son attachement au vôtre?" (p. 388). It would be extremely callous of Mme. De Cleves if she felt no

compunction about marrying the would-be seducer whom her faithful husband accused of causing his death. (LAWRENCE, 1965, p. 20)

Lawrence consideraria prova de uma grande insensibilidade aceitar sem rodeios o homem que seu marido, gravemente doente, acusa como o responsável por sua morte. Assim, é natural que ela sinta a presença de um “fantasma” que a assombra, uma necessidade de preservar a memória do marido, mesmo que a sociedade não desaprove a união com o duque, e que isso resulte em uma relutância em casar-se com Nemours.

Dessa maneira, pode-se observar que os críticos consideram a ligação entre M. e Mme de Clèves um fator relevante para o desfecho do romance, ainda que ressaltando diferentes aspectos desse vínculo entre marido e mulher. O afeto, o reconhecimento e a admiração que a princesa sentia pelo esposo, que fora sempre bom e fiel, fizeram com que sua sensibilidade fosse tocada pelo pedido feito no leito de morte, e cresceu nela a vontade de satisfazê-lo. Por outro lado, a confiança que ela depositava nele como o guia de sua conduta pode ter permanecido mesmo após sua morte, levando-a a seguir com lealdade as suas ordens e seu último desejo. A culpa também tem o seu lugar na relação dos dois esposos: a princesa sente que, se Nemours é o responsável pela morte de M. de Clèves, ela é a causa, e as palavras acusadoras do marido, pouco antes de seu falecimento, reforçam essa ideia, fazendo o casamento com Nemours parecer ainda mais criminoso aos seus olhos.

4.3 A EXPERIÊNCIA DE MME DE CLÈVES COM M. DE NEMOURS E A BUSCA DO *REPOS*

A maior parte das críticas feitas no século XX e começo do XXI tendem a ver a recusa da princesa de Clèves como uma maneira de alcançar a tranquilidade, o *repos*. Esses críticos certamente reconhecem a importância da educação sentimental que Mme de Clèves recebeu da mãe durante toda a vida, e sua influência nas decisões da princesa durante todo o romance, mas eles veem a recusa final como consequência de sua própria experiência com M. de Nemours.

Para Sweetser (1972, p. 489), por exemplo, a decisão da princesa é completamente pessoal, tomada por ela sozinha, em total liberdade de escolha:

Le refus de Mme de Clèves est un acte de sa volonté libre, basé sur la connaissance acquise par l'expérience personnelle, directe, et le jugement qui en découle: l'équilibre entre les divers aspects de son être est préférable au plaisir précaire que pourrait lui procurer la passion, l'amour qui donne est supérieur à celui qui exige.

Ou seja, para a autora do artigo, Mme de Clèves escolhe a sua paz de espírito, ao atender às necessidades de sua moral - que acusa Nemours pela morte do marido - de sua sensibilidade à memória de entes queridos - ao satisfazer seus desejos expressos no leito de morte - e de sua inteligência, que lhe diz que, com base em sua experiência, M. de Nemours não é o tipo de homem que lhe oferecerá uma felicidade duradoura.

Alguns críticos, como Jules Brody, J.W.Scott, Michael S. Koppisch, Harriet Ray Allentuch atribuem a decisão de Mme de Clèves ao medo de que Nemours deixe de amá-la um dia.

Em *The Princess of Clèves and the Myth of Courtly Love*, Jules Brody analisa a importância do episódio da carta para a compreensão das motivações de Mme de Clèves. Ela observa que o peso na consciência e a vergonha que a princesa sente por ter passado a tarde toda com M. de Nemours são leves se comparados ao estado de dor em que se encontrava na noite da véspera, momento em que sofria por ciúme de Nemours. De acordo com Brody, isso evidencia que Mme de Clèves é movida por fatores internos mais do que por pressões externas. Dessa maneira, se antes desse incidente sua resolução de evitar Nemours tinha como origem os conselhos vindos de sua mãe, a partir desse episódio ela própria começa a compreender os sofrimentos que o ciúme, que ela conheceu nesse momento, é capaz de causar. Para justificar seu ponto de vista, Brody (1969, p. 119) cita a seguinte passagem do romance:

Elle avait ignoré jusqu'alors les inquiétudes mortelles de la défiance et de la jalousie; elle n'avait pensé qu'à se défendre d'aimer M. de Nemours et elle n'avait point encore commencé à craindre qu'il en aimait une autre.

Quoique les soupçons que lui avait données cette lettre fussent effacés, ils ne laissèrent pas de lui ouvrir les yeux sur le hasard d'être trompée et de lui donner des impressions de défiance et de jalousie qu'elle n'avait jamais eues. Elle fut étonnée de n'avoir point encore pensé combien il était peu vraisemblable qu'un homme comme M. de Nemours, qui avait toujours fait paraître tant de légereté parmi les femmes, fut capable d'un attachement sincère et durable. Elle trouva qu'il était presque impossible qu'elle fut contente de sa passion.

Brody atenta para o fato de que quando a carta é encontrada e corre o boato de que ela caiu do bolso de M. de Nemours, todos na corte acreditam facilmente que ela pertencia ao duque, inclusive a princesa, que entrará em desespero ao lê-la. Isso indica que Mme de Clèves não confia totalmente na regeneração que Nemours afirma ter sofrido por amor. O dilema de Mme de Clèves, diz a autora do artigo, tem mais a ver com discernimento entre o que é falso ou verdadeiro do que com moral: o que ela precisa descobrir é se o amor de Nemours por ela é verdadeiro como ele diz ser. As questões que a perseguem durante todo o romance são essas: Nemours é diferente dos outros homens? Ele pode ter sido transformado por amor dela?

A partir do episódio da carta, a princesa toma consciência de que nenhum homem é capaz de mudar, nem por alguém superior como ela, mas essa consciência ainda não se tornou certeza. No entanto, quando ela descobre que Nemours ouviu sua confissão ao marido e a divulgou, a incerteza no episódio da carta torna-se certeza, pois não se trata de desconfiança da princesa e sim de um fato: Nemours não é diferente, ele é vaidoso e indiscreto como os outros homens (BRODY, 1969). Em *The Dynamics of Jealousy in the Work of Madame de Lafayette*, Michael S. Koppisch afirma que Mme de Clèves rejeita o amor porque ela reconhece que sentiria ciúme de Nemours sempre: “Je vous croirais toujours amoureux et aimé et je ne me tromperais pas souvent”. Esses críticos mostram que a princesa quer evitar o sofrimento do ciúme, que ela prevê em um casamento com o duque. Ela estaria, portanto, em busca da tranquilidade, do *repos*.

Para Koppisch (1979, p. 759), a descoberta essencial de Mme de Clèves é que o ciúme, que parece ser um impedimento no caminho do amor, é na verdade uma fonte de amor: ele é uma força motivadora e talvez o amor não exista sem ele.

In their last conversation, Madame de Cleves tells Nemours that her deceased husband was perhaps the only man capable of remaining faithful in marriage, adding: "peut-être aussi que sa passion n'avait subsistée que parce qu'il n'en aurait pas trouvé en moi" (p. 387). She believes the same to be true of Nemours himself: 'je crois même que les obstacles ont fait votre constance.

No final do romance, ela percebe que o amor sem obstáculos não pode existir e age de acordo com isso:

Were she to marry Nemours, the distance between them would disappear, only to be replaced by a succession of rivals. Recognizing this true, she rejects love. (KOPPISCH, 1979, p. 771)

Outros críticos, como Pingaud, Hipp e Hyman, também propõem que a recusa da princesa é um meio de manter a paixão de Nemours viva, pois, como coloca Denis de Rougemont em *O amor e o Ocidente*, ela é instável e requer obstáculos e interferências para sobreviver. Bernard Pingaud (1959) diz que Mme de Clèves sacrifica sua felicidade por um amor que ela teme que desapareça, e que ela só pode manter intacto se não saciá-lo.

Em *Le Mythe de Tristan et Iseut et La Princesse de Clèves*, Marie- Thérèse Hipp compara o romance com o mito de Tristão e Isolda, que Denis de Rougemont utiliza para ilustrar sua tese, e encontra em Mme de Clèves o desejo de evitar que a paixão de Nemours acabe, embora a autora do artigo pense, diferente de Koppisch, que tal escolha é inconsciente:

Le choix de Mme de Clèves et ses motivations, fort probablement inconscientes, se trouveront élucidés, croyons-nous, si on les confronte à la conception de l'amour telle qu'on la trouve dans le mythe de Tristan et, plus généralement, à la conception de l'amour Courtois. (HIPPI, 1965, p.412)

Richard Hyman, assim como Koppisch, afirma que a protagonista está ciente de que sua resistência intensifica o amor do duque, e declara ainda que ela usa esse conhecimento

impiedosamente para mantê-lo preso a ela. Em seu artigo *The Virtuous Princess of Clèves*, ele afirma:

The Princesse knows very well her resistance must only increase the Duc's ardor. Mercilessly she applies the laws of his own nature against himself: a leverage action. By forcing him to respond ever more intensely in keeping with his character, she assures his servitude to the idea of her. (HYMAN, 1964, p. 19)

Já John Campbell, em *Questions of Interpretations in La Princesse de Clèves*, não vê na resistência da protagonista uma atitude desumana. Ele afirma que a princesa está sendo razoável ao refletir se, de acordo com o comportamento que Nemours demonstrou, era provável que o amor dele lhe trouxesse felicidade no futuro.

Durante todo o romance, todas as situações que Mme de Clèves presenciou na corte, e também aquelas de que tomou conhecimento através de terceiros, como no caso das digressões, só confirmam que o amor é espontâneo em sua origem e volátil por natureza. Campbell (1996, p. 52) cita as palavras da princesa na última conversa com Nemours:

(...) la certitude de n'être plus aimée de vous, comme je le suis, me paraît un si horrible malheur, que, quand je n'aurais point des raisons de devoir insurmontables, je doute si je pourrais me résoudre à m'exposer à ce malheur.

Ele afirma que essas parecem as palavras de uma pessoa que se recusa a negligenciar uma certeza infeliz, e não medo de enfrentar os riscos que o amor pode oferecer.

Para Bernard Pingaud (1959), autor do livro *Madame de La Fayette par elle-même*, no final do romance, Mme de Clèves chega à conclusão de que o ser humano é incapaz de ser constante, pois a constância está acima da natureza do homem, e também conclui que o amor inconstante não vale a pena: “É preciso escolher entre felicidade e paixão, tranquilidade e incerteza, entre ordem e desordem.”

Em um estudo sobre *La Princesse de Clèves*, em seu site *Assez décodé !*, René Pommier faz uma análise minuciosa do texto de Mme de La Fayette e infere que a decisão de

Mme de Clèves de recusar Nemours, assim como a confissão que faz ao marido, decorre de sua desconfiança em relação ao duque. Segundo Pommier, a princesa descobre no episódio da carta os sofrimentos que o ciúme e a desconfiança podem trazer, e a partir desse acontecimento, que precede a confissão, “l'obstacle au bonheur de Mme de Clèves ne réside plus dans M. de Clèves, mais dans M. de Nemours lui-même. Ce n'est plus le sentiment de son devoir qui retient Mme de Clèves de s'abandonner à sa passion, mais la peur, mais la certitude de souffrir” (POMMIER, 2000).

Ele também sugere que a cena do *aveu* foi escrita por Mme de La Fayette com o objetivo de provocar a recusa final de Mme de Clèves, pois M. de Nemours será o único a escutar as palavras da princesa e será responsável por divulgá-las, fato que Mme de Clèves descobrirá mais tarde e dele deduzirá que M. de Nemours não é digno de confiança. A indiscrição do duque será a confirmação de que ele não mudou realmente, de que ele continua a ser aquele homem de natureza volúvel, com inclinação para a galanteria.

Assim, pela perspectiva de alguns críticos, a decisão de Mme de Clèves teria como principal fator sua experiência pessoal com Nemours, que mostra que o duque não poderá oferecer à princesa o tipo de amor que ela procura. Percebendo essa impossibilidade de ser feliz ao lado do homem que ama, ela busca o *repos*, a tranquilidade, evitando o sofrimento que ela tem certeza que virá desse relacionamento. Outros argumentam que, temendo o fim do amor, Mme de Clèves, consciente ou não, coloca obstáculos ela mesma, quando impedimentos exteriores não mais existem, para que o amor entre ela e Nemours não se realize, a fim de torná-lo eterno.

5. O REFUS E AS MÁXIMAS DE LA ROCHEFOUCAULD

5.1 O DUQUE DE LA ROCHEFOUCAULD

François VI, *prince* de Marcillac, que mais tarde se tornará duque de La Rochefoucauld, nasceu em Paris em 1613. Ele pertencia a uma das famílias mais ilustres da França, e sua vida pode ser dividida em duas fases distintas; a militar, primeiramente, e mais tarde a literária: “Homme d’action, puis homme de salon; homme de la Fronde, puis homme du monde; homme d’épée, puis homme de plume; (...)”(MORELLO, 1992, p. 104). François VI se casa aos 15 anos com Andrée de Vivonne e começa a se dedicar desde muito jovem, aos 16, a uma carreira militar, participando de uma campanha na Itália e da guerra contra os espanhóis. Ao voltar, ele passa a servir a rainha da França, Anne d’Autriche.

Várias dificuldades se sucederam em sua vida: uma prisão na Bastilha por ordem de Richelieu, devido à sua participação em um complô montado pela duquesa de Chevreuse e, em seguida, o exílio em Verteuil, retornando à corte parisiense apenas em 1642, após a morte de Richelieu.

Novamente na França, La Rochefoucauld participa ativamente da Fronde, combatendo bravamente ao lado de Condé. Ele se fere gravemente nesses combates e, com a vitória de Mazarin e da monarquia, ele se retira para suas terras e escreve suas memórias.

Começa uma fase de sua vida em que ele se dedica à escrita e à reflexão, e participa de reuniões organizadas por mulheres influentes, nas quais se desenvolviam diferentes estilos literários, como máximas, retratos e versos. Ao frequentar os salões da época, ele conhece Mme de Sablé, Mme de Sévigné e Mme de La Fayette. Suas reflexões, e suas visitas ao salão de Madame de Sablé, o levam a escrever e publicar *Réflexions ou sentences et maximes morales et réflexions diverses*, uma obra cheia de aforismos filosóficos.(DOUMIC, 19--).

La Rochefoucauld constrói uma forte amizade com Madame de La Fayette, que ao ler as *Maximes* fica espantada: “Quelle corruption il faut avoir dans l’esprit et dans le coeur pour être capable d’imaginer tout cela!”. (DOUMIC, 19--, p. 344). Madame de La Fayette, mais adiante, afirmará que teve influência sobre o amigo : “M. de La Rochefoucauld m’a donné de l’esprit,

mais jái réformé son coeur”. Segundo René Doumic (19--, p. 344), as máximas publicadas em edições posteriores são mais atenuadas, com mais expressões como “presque”, “souvent”, “la plupart”, que levariam a pensar em uma influência de Mme de La Fayette. Na opinião de Doumic, aos 53 anos, La Rochefoucauld tinha uma opinião definida sobre a humanidade, e que não foi mudada. Assim, os efeitos da amizade de Madame de La Fayette teriam sido outros: “Seulement, cette amitié dévouée rend à La Rochefoucauld, l’inappréciable service d’adoucir ses dernières années attristées par la maladie et par la perte d’un fils.” (DOUMIC, 19--, p. 344). La Rochefoucauld morre em Paris, no ano de 1680.

5.2 LA ROCHEFOUCAULD, MADAME DE LA FAYETTE E LA *PRINCESSE DE CLÈVES*

Em 1663, começa a ligação entre Mme de La Fayette e La Rochefoucauld, que ela conheceu provavelmente na época da Fronde, em que este andava em companhia de Renaud de Sévigné, padrasto de Mme de La Fayette. Eles se encontravam frequentemente nos salões, e sua relação começa a se estreitar a partir de 1664.

Os dois se tornaram amigos íntimos, o que na época gerou diversos boatos de que entre eles haveria mais do que amizade, aos quais Mme de La Fayette respondia negativamente. Em 1665, ela escreve sobre esses rumores a Madame de Sablé, após ter recebido a visita do filho de La Rochefoucauld: “Je hais comme la mort que les gens de son âge puissent croire que j’ai des galanteries.” (PINGAUD, 1972, p. 21).

Mas a ligação que havia entre os dois era visivelmente forte e, segundo Mme de Sévigné, sua melhor amiga, a morte de La Rochefoucauld deixou-a inconsolável: “La pauvre Mme de La Fayette ne sait plus que faire d’elle même...Tout le monde se consolera hormis elle.”(PINGAUD, 1972, p. 21).

Não era somente um possível romance entre os dois que se discutia na época. Sabe-se que *La Princesse de Clèves* foi publicado anonimamente no ano de 1678, e que posteriormente foi atribuído a Mme de La Fayette, mas dizia-se, na época em que o romance estava sendo escrito, que ele era feito em parceria pelos dois. Em 1677, um ano antes de sua publicação, há uma carta de Mme de Scudéry, em que ela comenta sobre a história: “M. de La Rochefoucauld et

Mme de La Fayette ont fait un roman de galanteries de la cour de Henri II qu'on dit être admirablement écrit.” (PINGAUD, 1972, p. 16).

As correspondências de Mme de La Fayette mostram que ela nega tanto sua participação como a de La Rochefoucauld no processo de escrita do livro. Mas em uma carta a Ménage, em 1691, ela parece confirmar com palavras disfarçadas a ajuda de La Rochefoucauld e também a de Segrais, assim como a parte que cabe a ela: “Je ne crois pas que les deux personnes que vous me nommez y aient nulle part qu'un peu de correction. Les personnes qui sont de vos amis n'avouent point y en avoir; mais à vous, que n'avoueraient-elles point?”(PINGAUD, 1959, p. 31). Pingaud ressalta que a carta foi ditada a um secretário, por isso a linguagem disfarçada de Mme de La Fayette.

Em *Madame de La Fayette par elle-même*, Bernard Pingaud cita uma carta de Madame de Sévigné que revela que Barbin recebe em 1672 um *privilège*³ para um livro intitulado *Le Prince de Clèves*⁴ sendo que ele só seria publicado 6 anos depois. Pingaud explica a demora de Mme de La Fayette em escrever sua obra, dizendo que, naquele momento, ela se encontrava sem a maioria de seus colaboradores. Ela tinha tido problemas com Ménage, Huet estava ocupado como preceptor do delfim, e Segrais havia se retirado para Caen. “Reste La Rochefoucauld que ses infirmités ont définitivement lié à Madame de La Fayette”. (PINGAUD, 1959, p. 28).

Houve quem declarasse que a obra era, na verdade, de La Rochefoucauld. O abade Drouyn afirma em alguns manuscritos, conservados na Biblioteca nacional, que o duque havia escrito o romance. Para Pingaud (1959, p. 29), o livro possui o mesmo tom dos romances anteriores de Mme de La Fayette, o que seria diferente se ela não fosse a principal autora: “La Rochefoucauld seul eût été plus sombre et plus dur”. Mas, segundo ele, a participação do duque na escrita do romance mais famoso de Madame de La Fayette não pode ser negada: “Mais il a certainement pris une part active à la préparation du roman, qui a exigé de nombreuses

³Segundo o livro *Les privilèges de librairie sous l'ancien régime : étude historique du conflit des droits sur l'œuvre littéraire*, de Henri Falk, o *privilège* era a autorização para imprimir uma obra literária, após a leitura desta pelos censores reais.

⁴Segundo J.W.Scott, no artigo *Le Prince de Clèves*, esse *privilège* foi descoberto em 1927, por Emile Magne, que afirma ser este de fato o nome original do romance. Para Scott, essa descoberta serviu de argumento para muitos críticos que consideram a fidelidade à memória de M. de Clèves a principal motivação para o *refus* da princesa.

lectures”.(PINGAUD, 1959, p. 29).

Assim, mesmo que não seja possível apontar exatamente qual a participação de La Rochefoucauld na escrita do romance, pode-se tentar estabelecer algumas hipóteses de nexos significativos entre *Sentences et Maximes* e *La Princesse de Clèves*, especialmente em seu desfecho. É o que se fará a seguir.

5.3 O REFUS E AS MÁXIMAS DE LA ROCHEFOUCAULD

Como foi visto anteriormente, as ideias de Mme de Chartres a respeito do amor e dos homens foi um dos fatores de influência na escolha de Mme de Clèves, e, segundo alguns críticos, o principal. A ideia de que o amor se extingue com o passar do tempo está bem presente nos pensamentos de Mme de Clèves. Nota-se isso quando a princesa conversa com sua mãe sobre a ligação entre o rei Henri II e a duquesa de Valentinois. Era do conhecimento de Mme de Clèves que o rei conservava pela amante “la même vivacité et les mêmes soins que dans les commencements de sa passion” (PINGAUD, 1972, p. 155), e ela se surpreende não só com o fato de o rei ter se apaixonado por uma mulher como ela, infiel e sem mérito, mas por conservar essa paixão há tanto tempo: “Est-il possible (...) qu'il y ait si longtemps que le roi en soit amoureux ?” (PINGAUD, 1972, p. 156).

Há algumas máximas na obra de La Rochefoucauld que tratam do fim do amor. Na reflexão número IX de seu livro, *de l'amour et de la vie*, La Rochefoucauld caracteriza a “velhice” do amor, circunstância em que o ser amado deixa de despertar o interesse daquele que ama: “nous nous accoutumons à tout ce qui est à nous; les mêmes biens ne conservent pas le même prix, et ils ne touchent pas toujours également notre goût.” (MORELLO, 1992, p.205). Segundo ele, essa inconstância involuntária é um efeito do tempo. E é comum acomodar-se a um amor que não traz mais as alegrias próprias desse sentimento, mas somente os desprazeres que ele provoca, e que são o único sinal de que o amor ainda está vivo:

La jalousie, la méfiance, la crainte de laisser, la crainte d'être quitté, sont des peines attachés à la vieillesse de l'amour, comme les maladies sont attachés à la trop longue durée de la vie: on ne sent plus qu'on est vivant que parce qu'on est malade, et on ne sent aussi qu'on est amoureux que par sentir toutes les peines de l'amour. (MORELLO, 1992, p. 206)

Além dessa reflexão, há a máxima 274, que se relaciona a esse assunto. Segundo ela, tudo aquilo que é novo desperta uma admiração que dura pouco tempo e que, quando termina, nunca se renova: “La grâce de la nouveauté est à l’amour ce que la fleur est sur les fruits; elle y donne un lustre qui s’efface aisément, et qui ne revient jamais.”(MORELLO, 1992, p.159).

Quando M. de Nemours pede que Mme de Clèves seja sua esposa, ela diz que apesar de eles não terem razão para temer a sociedade, pois estariam agindo de acordo com a *bienséance*, ela não acredita que o amor de Nemours por ela permanecerá para sempre da mesma forma:

Mais les hommes conservent-ils de la passion dans ces engagements éternels ? Dois-je espérer un miracle en ma faveur et puis-je me mettre en état de voir certainement finir cette passion dont je ferais toute ma félicité ? (PINGAUD, 1972, p. 306)

Essa fala mostra a desconfiança de Mme de Clèves em relação aos homens em geral. Ela os considera incapazes de constância no amor, que está sempre destinado a acabar. Quando Mme de Clèves afirma que nenhum homem é capaz de continuar apaixonado durante o casamento, está reproduzindo a fala de sua mãe e os ensinamentos que recebeu dela.

A reflexão de La Rochefoucauld compartilha dessa visão do amor como um sentimento que se extingue com o tempo: a pessoa amada, que era essencial ao amante, passa a não ter o mesmo valor com o tempo: “(...) la joie n’est plus vive, on en cherche ailleurs que dans ce qu’on a tant désiré.”(MORELLO, 1992, p. 205).

E se, de acordo com Mme de Clèves, o amor não se conserva nesses *engagements éternels*, que tipo de relação ela esperava em um casamento? No século XVI, os casamentos eram baseados, em sua maioria, em interesses. Buscava-se manter a posição de nobreza da família, fazer uniões vantajosas financeira ou politicamente. Segundo a máxima número 113 de La Rochefoucauld, “il y a de bons mariages, mais il n’y a point de délicieux.” (MORELLO, 1992, p. 144). Com essas palavras, ele afirma que não existem casamentos que preencham completamente as necessidades que as pessoas sentem no amor, apesar de existirem aqueles em que os cônjuges se entendem e convivem de maneira satisfatória. Em *La Princesse de Clèves* há inúmeros exemplos de matrimônios realizados por interesse, e não há exemplos de casamentos

que possam ser caracterizados como *delicieux*, o que leva as pessoas a buscarem o amor fora dele.

Para Mme de Chartres, a felicidade em uma união se baseia no respeito e afeto mútuos. Segundo Marie-Odile Sweetser, esse tipo de amor é diferente do amor-paixão, que é o que Mme de Clèves sente por Nemours. E é esse tipo de sentimento que a mãe da protagonista considera apropriado para um casamento:

De même, il y a deux sortes d'amour: celui qui, sous des dehors agréables, mène à "la galanterie," aux "engagements" et aux "malheurs domestiques" et est satisfaction de l'instinct, jouissance egoïste; l'autre, d'apparence austère, est l'amour conjugal fait d'estime, de respect, et d'affection mutuels. (SWEETSER, 1972, p. 484)

Assim, o casamento, no romance de Mme de La Fayette, caracteriza-se pela ausência da paixão. Quando Mme de Chartres consente que a filha se case com M. de Clèves, ela acredita estar dando a ela um marido que ela poderá amar, devido à sua grandeza, boas qualidades e sabedoria, além de ser o único nobre que continuou disposto a casar-se com ela, correndo o risco de desagradar ao rei:

Il faut entendre que Mme de Chartres, connaissant le coeur noble de sa fille, la droiture de son caractère et de son jugement, compte qu'elle saura apprecier les qualités morales de son mari et ne pourra manquer d'éprouver pour lui estime, respect et affection, sentiments qui sont, pour elle, la base même de l'amour conjugal. (SWEETSER, 1972, p. 484)

Mlle de Chartres casa-se mesmo não sentindo inclinação pelo pretendente, e a convivência com o marido é boa - “quoiqu'elle vécût parfaitement bien avec lui(...)” (PINGAUD, 1972, p.151) – o que poderia ser definido como “un bon mariage”. Mas ela continua sem sentir nada mais do que estima - “Monsieur de Clèves ne trouva pas que Mlle de Chartres eût changé de sentiments en changeant de nom” (PINGAUD, 1972, p.151) - e seu marido não se sente inteiramente feliz, porque ela não corresponde à sua paixão.

Mme de Clèves afirma que o marido talvez tenha sido o único homem a conservar o amor no casamento, mas acrescenta: “peut-être aussi que sa passion n'avait subsisté que parce qu'il n'en aurait pas trouvé en moi.” (PINGAUD, 1972, p.306). Em seguida, ela diz que não seria capaz de manter o amor de Nemours da mesma maneira, pois ela corresponde à paixão que ele

sente: “Mais je n'aurais pas le même moyen de conserver la vôtre : je crois même que les obstacles ont fait votre constance.” (PINGAUD, 1972, p. 306). Essa fala mostra que ela aprendeu que amor e casamento não coexistem, ao menos por muito tempo. Casar-se com Nemours seria extinguir a paixão que ele sente por ela, e como consequência ela sofreria por não ser mais amada.

Além de ter noção de que o amor se extingue com o tempo, a princesa tem a oportunidade de avaliar o comportamento de M. de Nemours em relação a ela. Como foi visto anteriormente, alguns críticos defendem a hipótese de que Mme de Clèves, baseada nessa observação, decide recusar o amor do duque.

Ela percebe que M. de Nemours tem as qualidades necessárias para a galanteria, e também uma fama de galanteador, pois já se envolveu com várias damas da corte. De acordo com a máxima 477 de La Rochefoucauld, uma pessoa que apresenta uma tendência a se apaixonar com frequência raramente está inteiramente preenchida pela paixão, assim como as pessoas que resistem firmemente à paixão a sentem de maneira forte e duradoura: “La même fermeté qui sert à résister à l’amour sert aussi à le rendre violent et durable, et les personnes faibles, qui sont toujours agitées des passions, n’en sont presque jamais véritablement remplies.” (MORELLO, 1996, p. 175).

O duque, sempre envolvido em casos amorosos, pode não estar inteiramente preenchido pela paixão, quando esta o atinge. Ou pelo menos é o que a princesa sente, pois ela tem certeza de que ele deixará de amá-la logo:

Vous avez déjà eu plusieurs passions, vous en auriez encore ; je ne ferais plus votre bonheur ; je vous verrais pour une autre comme vous auriez été pour moi. (PINGAUD, 1972, p. 306)

A princesa, ao contrário, tentou ao máximo não se entregar aos sentimentos que tinha por Nemours, e quando percebeu que não podia deixar de amá-lo, esforçou-se para disfarçar esse amor e jamais ceder a ele. Ou seja, ela foi firme ao resistir ao amor, e seu sentimento pelo duque foi forte e durou muito tempo, sendo que somente o isolamento, a doença e a proximidade com a morte puderam amenizar a violência de sua paixão.

No romance de Mme de La Fayette, uma das características das paixões violentas é o ciúme. Capaz de revelar *des marques certaines de passion*, ele ocupa um lugar importante no desenvolvimento das ações, pois é justamente ao perceber as dores das desconfianças amorosas que a princesa toma a decisão de fugir para Coulommiers após o episódio da carta, para evitar Nemours. E é também por causa desse sentimento, mesmo que não seja exclusivamente por causa dele, que Mme de Clèves toma a decisão final de recusar o casamento com ele: ela teme a inconstância do amado e prevê um futuro em que ele amaria outra mulher, o que despertaria nela as dores do ciúme, tão insuportáveis.

J'en aurais une douleur mortelle, et je ne serais pas même assurée de n'avoir point le malheur de la jalousie. Je vous en ai trop dit pour vous cacher que vous me l'avez fait connaître, et que je souffris de si cruelles peines le soir que la reine me donna cette lettre de madame de Thémises, que l'on disait qui s'adressait à vous, qu'il m'en est demeuré une idée qui me fait croire que *c'est le plus grand de tous les maux*. (PINGAUD, 1972, p. 307)

O ciúme, como se sabe, é tematizado em várias máximas de La Rochefoucauld. A máxima 32, por exemplo, diz: “La jalousie se nourrit dans les doutes, et elle devient fureur, ou elle finit, sitôt qu’on passe du doute à la certitude.” (MORELLO, 1992, p. 137). De acordo com ela, portanto, o ciúme é uma paixão que se alimenta das incertezas, pois assim que o estado de dúvida termina, ele cessa de existir e pode dar lugar à cólera.

O episódio da carta mostra que a dúvida alimenta o ciúme: ao saber que Nemours não era o destinatário daquela carta de amor, e sim seu tio, a condição lamentável em que a princesa se encontrava na noite anterior muda para um estado de calma e descontração. Porém, apesar de esta dúvida específica – em relação à carta – ter sido esclarecida, e ter trazido uma paz momentânea a Mme de Clèves, ela abriu os olhos da princesa para a realidade: nem ela nem os outros membros da corte duvidaram que a carta pertencia a Nemours, o que significava que a participação do duque em uma aventura galante era algo muito plausível, devido ao seu caráter e à sua fama. Assim, constatando que era possível, e provável, esperar do duque esse tipo de comportamento, a princesa decide se afastar dele, e a cena da confissão não demora a acontecer. Talvez, como suportam alguns críticos, para se defender de Nemours:

Quoique les soupçons que lui avait donnés cette lettre fussent effacés, ils ne laissèrent pas de lui ouvrir les yeux sur le hasard d'être trompée, et de lui donner des impressions de défiance et de jalousie qu'elle n'avait jamais eues. Elle fut étonnée de n'avoir point encore pensé combien il était peu vraisemblable qu'un homme comme monsieur de Nemours, qui avait toujours fait paraître tant de légèreté parmi les femmes, fût capable d'un attachement sincère et durable. Elle trouva qu'il était presque impossible qu'elle pût être contente de sa passion. (PINGAUD, 1972, p. 236)

A princesa pôde constatar que M. de Nemours, além de apresentar um caráter inconstante, é suscetível à vaidade tanto quanto os outros homens, e a ponto de colocar a reputação de Mme de Clèves em risco. La Rochefoucauld, em sua máxima 262, afirma que a vaidade tem uma presença forte no amor, mais do que em todas as outras paixões, e que ela leva aquele que ama a prejudicar facilmente a pessoa amada: “Il n’y a point de passion où l’amour de soi-même règne si puissamment que dans l’amour, et on est toujours plus disposé à sacrifier le repos de ce qu’on aime qu’à perdre le sien.” (MORELLO, 1992, p. 158).

M. de Nemours sente-se envaidecido pela confissão que ouvira Mme de Clèves fazer ao marido: “Il sentit pourtant un plaisir sensible de l'avoir réduite à cette extrémité. Il trouva de la gloire à s'être fait aimer d'une femme si différente de toutes celles de son sexe”. (PINGAUD, 1972, p. 245). Ao retornar a Paris acompanhado pelo Vidama de Chartres, ele não consegue guardar para si mesmo o ocorrido. Ainda que o duque não tenha revelado os verdadeiros nomes dos envolvidos, ele não foi capaz de se conter sobre um acontecimento que alimentou sua vaidade: ser amado por uma mulher tão digna e de tanto mérito, e ser amado de tal forma que ela se viu obrigada a confessar ao marido seus sentimentos. O orgulho que sentiu por tê-la obrigada a essa atitude desesperada deixou-o exaltado e levou-o a contar ao amigo essa aventura. Para Mme de Clèves, M. de Nemours agiu de forma condenável, e fê-la sofrer por não poder mais considerá-lo digno de seu afeto:

De tous ses maux, celui qui se présentait à elle avec le plus de violence, était d'avoir sujet de se plaindre de monsieur de Nemours, et de ne trouver aucun moyen de le justifier. Elle ne pouvait douter qu'il n'eût conté cette aventure au vidame de Chartres ; il l'avait avoué, et elle ne pouvait douter aussi, par la manière dont il avait parlé, qu'il ne sût que l'aventure la regardait. Comment excuser une si grande imprudence, et qu'était

devenue l'extrême discrétion de ce prince dont elle avait été si touchée ?
(PINGAUD, 1972, p. 262)

Esses são os pensamentos de Mme de Clèves sobre a conduta de Nemours: ele foi incapaz de pensar que esta confiança pudesse se espalhar pela corte e prejudicar Mme de Clèves, ou então deu pouca importância a essa possibilidade. Ele pensou somente em si, e não na tranquilidade da pessoa que ama. Mme de Clèves dava muita importância ao caráter de Nemours, e enquanto ele parecesse digno de ser amado por ela, ela não se consideraria infeliz, mas ela sofre uma grande decepção:

“Il a été discret tant qu’il a cru être malheureux; mais une pensée de bonheur a fini sa discrétion.(...) J’ai eu tort de croire qu’il y eut un homme capable de cacher ce qui flatte sa gloire.(...)” Ces tristes réflexions étaient suivies d'un torrent de larmes ; mais quelque douleur dont elle se trouvât accablée, elle sentait bien qu'elle aurait eu la force de les supporter, si elle avait été satisfaite de monsieur de Nemours.(PINGAUD, 1972, p. 262)

O próprio M. de Nemours percebe o tamanho de sua imprudência e suas consequências para ele mesmo:

Par où pourrais-je me justifier ? Je n'ai point d'excuse, je suis indigne d'être regardé de madame de Clèves, et je n'espère pas aussi qu'elle me regarde jamais.(...) Je perds par mon imprudence le bonheur et la gloire d'être aimé de la plus aimable et de la plus estimable personne du monde ; mais si j'avais perdu ce bonheur, sans qu'elle en eût souffert, et sans lui avoir donné une douleur mortelle, ce me serait une consolation ; et je sens plus dans ce moment le mal que je lui ai fait que celui que je me suis fait auprès d'elle."(PINGAUD, 1972, p. 263)

No caso de Nemours, ele parece realmente arrependido de ter dado motivos de queixa a Mme de Clèves, e até mesmo preocupado com a tranquilidade e o bem-estar dela, diferente do que La Rochefoucauld colocou em sua máxima.

No entanto, apesar do arrependimento de Nemours, e sua preocupação genuína com a situação de Mme de Clèves, o que importa para a renúncia é a ideia que a princesa tem da conduta e do caráter do duque. E ela vê em suas ações a prova de que ele não é diferente dos

outros homens, nem digno de ser amado por ela: “C'est pourtant pour cet homme, que j'ai cru si différent du reste des hommes que je me trouve comme les autres femmes, étant si éloignée de leur ressembler.” (PINGAUD, 1972, p. 262). Pode-se notar ao longo do romance, que Nemours agirá de maneira cada vez menos cautelosa, revelando a intensidade de sua paixão, ilustrando assim a máxima 546 de La Rochefoucauld: “La prudence et l'amour ne sont pas faits l'un pour l'autre: à mesure que l'amour croît, la prudence diminue.” (MORELLO, 1992, p. 192). Primeiramente, M. de Nemours tenta declarar seu amor à princesa de forma disfarçada, depois rouba seu retrato, entra escondido em seu jardim e ouve a confissão, conta essa aventura ao Vidama de Chartres e, por fim, passa duas noites seguidas nos jardins de Coulommiers, chegando a invadir o aposento de Mme de Clèves. Essa última imprudência terá uma consequência essencial no romance: ele será visto pelo homem de confiança de M. de Clèves e este ficará doente e morrerá. Assim, Mme de Clèves, além de considerar o caráter de Nemours fraco, percebe o papel que ele teve na morte de seu marido, enxergando-o como o assassino de M. de Clèves. Ela, que faz questão de conservar a honra e a memória do marido, como este pediu, não pode considerar casar-se com ele.

Tanto La Rochefoucauld quanto Mme de La Fayette parecem reforçar a todo momento a ideia de que o amor é algo volúvel, e que termina quando é satisfeito. Segundo a máxima 331, por exemplo, o homem tem dificuldades em ser fiel quando tem seus desejos satisfeitos pela pessoa amada: “Il est plus difficile d'être fidèle à sa maîtresse quand on est heureux que quand on est maltraité.” (MORELLO, 1992, p. 164).

Essa máxima tem uma forte ligação com a teoria de Denis de Rougemont que, como vimos, afirma que o amor somente se mantém enquanto encontra barreiras, e termina assim que elas são removidas. Como diz Mme de Clèves em sua última conversa com Nemours, os obstáculos fazem a constância:

Monsieur de Clèves était peut-être l'unique homme du monde capable de conserver de l'amour dans le mariage. (...) peut-être aussi que sa passion n'avait subsisté que parce qu'il n'en aurait pas trouvé en moi. Mais je n'aurais pas le même moyen de conserver la vôtre : je crois même que les obstacles ont fait votre constance.(...)(PINGAUD, 1972, p. 306)

Se ela se casasse com ele, logo a preferência do duque se transferiria para outra mulher, pois não encontraria mais obstáculos para o coração dela. Segundo as críticas expostas no capítulo quatro, esse foi um dos motivos principais da recusa da princesa.

A continuação da fala de Mme de Clèves é a seguinte: “Vous en avez assez trouvé [obstáculos] pour vous animer à vaincre; et mes actions involontaires, ou les choses que le hasard vous a apprises, vous ont donné assez d'espérance pour ne vous pas rebuter.” (PINGAUD, 1972, p. 306). A afirmação da princesa tem uma ligação com a máxima 75 de La Rochefoucauld, segundo a qual “l'amour aussi bien que le feu ne peut subsister sans un mouvement continuel; et il cesse de vivre dès qu'il cesse d'espérer ou de craindre.” (MORELLO, 1992, p. 141).

O amor é um sentimento que precisa ser alimentado pela esperança ou pelo receio para sobreviver. Ele precisa de dinamismo. Se ainda há qualquer perspectiva de conquista, ainda há movimento, o amor sobrevive. Mas aquele que ama, se não encontra expectativas de conquistar a pessoa amada, se toda esperança lhe é negada, seja pela distância, pela impossibilidade de união, ou pelo fato de não ter o amor correspondido, deixará de amar, pois o movimento é interrompido, seu amor deixa de ser alimentado. Por outro lado, se o amante encontra correspondência no coração da pessoa amada e nenhum obstáculo se impõe à realização do amor, este deixará de existir com o tempo, pois não se teme mais o seu fim. Em suma, a situação de total segurança é tão fatal para o amor quanto a total falta de esperança de sua realização.

Em *La Princesse de Clèves*, Mme de Clèves e M. de Nemours se apaixonam assim que se conhecem, mas encontram um obstáculo desde o início, que é o casamento da princesa com M. de Clèves. Apesar de não se permitirem falar abertamente sobre seu amor um pelo outro, durante o romance ambos recebem várias evidências de que tem seus sentimentos correspondidos – através de olhares, palavras, confissões involuntárias, etc – o que faz com que haja esperança e isso impede o fim do amor. Ao mesmo tempo, o casamento da princesa e o grande respeito que ela tem por seu marido, que fazem com que ela coloque obstáculos entre ela e Nemours, impedem que o amor se realize, e esse receio de não realizar o amor acaba por alimentá-lo. Dessa forma, enquanto existiam obstáculos – impostos apenas pela conduta e pelos valores da própria protagonista, pois ela tinha conhecimento da possibilidade de buscar o amor fora do casamento, e

sabia mesmo que era uma prática comum - M. de Nemours, agindo de acordo com a teoria de Denis de Rougemont, continuou buscando a presença da princesa.

Entretanto, no final da obra, Mme de Clèves se isola completamente da corte em um convento, sem receber visitas nem correspondências. Nem mesmo uma carta escrita pela rainha foi capaz de dissuadi-la. O obstáculo imposto a M. de Nemours foi irredutível, e sem esperanças de conseguir atingir a princesa de alguma forma, ele aos poucos voltou a ser quem era no início do romance, deixando essa paixão para trás: “Enfin, des années entières s'étant passées, le temps et l'absence ralentirent sa douleur et éteignirent sa passion.” (PINGAUD, 1972, p. 315). Da mesma maneira, Mme de Clèves, afastando-se de tudo que pudesse despertar a lembrança de Nemours, e ligando-se a tudo que lembrasse M. de Clèves, conseguiu superar a força que essa paixão exercia sobre ela:

Enfin, elle surmonta les restes de cette passion qui était affaiblie par les sentiments que sa maladie lui avait donnés. Les pensées de la mort lui avaient rapproché la mémoire de monsieur de Clèves. Ce souvenir, qui s'accordait à son devoir, s'imprima fortement dans son coeur. Les passions et les engagements du monde lui parurent tels qu'ils paraissent aux personnes qui ont des vues plus grandes et plus éloignées. Sa santé, qui demeura considérablement affaiblie, lui aida à conserver ses sentiments ; mais comme elle connaissait ce que peuvent les occasions sur les résolutions les plus sages, ele ne voulut pas s'exposer à détruire les siennes, ni revenir dans les lieux où était ce qu'elle avait aimé. (PINGAUD, 1972, p. 313)

Assim, analisando a história da Princesa de Clèves, principalmente os motivos que levaram-na a recusar o amor de Nemours, e a obra de La Rochefoucauld, é possível notar que as máximas deste sobre o amor revelam o mesmo pessimismo das palavras e ensinamentos que Mme de Chartres transmitiu à filha: o amor é volúvel e causa sofrimento. Mme de Clèves parece também perceber a mesma dinâmica que La Rochefoucauld via no amor: ele se mantém enquanto encontra dificuldades de concretização. E a narrativa de Mme de La Fayette expressa, assim

como as máximas, o lado doloroso do amor, como o ciúme, os efeitos que a paixão exerce sobre os apaixonados, como a imprudência, e a impossibilidade de coexistência de amor e casamento.

6 CONCLUSÃO

O capítulo 4 deste trabalho apresenta os principais argumentos expostos pela crítica sobre a decisão final de Madame de Clèves. Ao analisá-los, é possível perceber alguns elementos que influenciaram a princesa a recusar o amor: a convivência e a ligação com a mãe ensinaram-na que o amor é instável; o casamento com M. de Clèves, e também sua vida na corte, ensinaram-na que amor e casamento não podem coexistir; e sua própria experiência com M. de Nemours, através da qual ela pode avaliar seu caráter, fê-la perceber ainda melhor os aspectos dolorosos do amor - ciúme, imprudência, vaidade, volubilidade -, de forma que ela escolheu não vivê-lo.

Dada a importância de La Rochefoucauld na vida de Madame de La Fayette e, segundo se supõe, na escrita de *La Princesse de Clèves*, procurou-se na obra do duque máximas ou reflexões que discutissem esses aspectos associados a momentos decisivos do romance.

Dentre as máximas relacionadas ao assunto principal do livro - o amor - foram encontradas sentenças sobre sua inconstância e seu inevitável fim. A visão de La Rochefoucauld sobre o casamento, conforme a máxima 113, é a de que através dele não é possível satisfazer plenamente as pessoas em relação ao amor, podendo essa união, no máximo, ser considerada aceitável. Ou seja, casamento e paixão não coexistem. Essa é uma das descobertas de Mme de Clèves.

Uma das máximas estudadas se refere à relação entre o caráter das pessoas e o modo como elas amam: as pessoas que resistem a esse sentimento, como era o caso da princesa, vivem-no com intensidade e por muito tempo, enquanto as pessoas que sempre se entregam a ele, como Nemours, quase nunca são completamente preenchidas pela paixão.

O ciúme está presente nas máximas assim como no romance, onde tem grande importância. Segundo La Rochefoucauld, esse sentimento surge por causa da dúvida, e permanece enquanto esta existir. O romance de Mme de La Fayette mostra essa mesma dinâmica através do episódio da carta.

Foi visto também que a presença da vaidade e da imprudência no amor são discutidas tanto nas *Maximes* quanto em *La Princesse de Clèves*. De acordo com La Rochefoucauld, o amor

torna as pessoas imprudentes, e essa imprudência cresce conforme o amor aumenta. No romance, isso aparece através do comportamento de Nemours, que age de maneira cada vez menos cautelosa.

Além disso, tanto na obra de La Rochefoucauld quanto no livro de Mme de La Fayette está expressa a ideia de que o amor é um afeto que exige turbulência para manter-se vivo. Esse é o conceito encontrado nas máximas 75 e 331, e também, segundo alguns críticos, na maneira de pensar de Mme de Clèves, que teria recusado o amor ao prever que ele acabaria tão logo se resolvesse no âmbito institucional e doméstico de um casamento.

Enfim, o estudo do romance *La Princesse de Clèves*, das máximas de La Rochefoucauld e dos artigos citados nesse trabalho permitiram fazer uma ligação entre o modo de pensar do duque e o desfecho polêmico do livro de Mme de La Fayette.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLENTOUCH, Harriet Ray. The will to refuse in *La Princesse de Clèves*. In **University of Toronto Quarterly**, v.44, n. 3, Spring 1975, p. 185-198.

BRADY, Valentini P. *La Princesse de Clèves* and the refusal of love: heroic denial or pathetic submission? University of Houston, Department of Modern and Classical Languages, Houston. **Neophilologus**, vol. 84, 2000, p. 517–530.

CAMPBELL, John. A reasonable choice? In: **Question of interpretation in La Princesse de Clèves**. Amsterdam-Atlanta: Rodopi, 1996, p. 52-72.

DOUMIC, René. Les correspondences et les romans. In: **Histoire de la littérature française**. Paris: Paul Mellotée, [19--], p. 386-389.

FALK, Henri. L'origine des privilèges. In: **Les privilèges de librairie sous l'Ancien régime : étude historique du conflit des droits sur l'œuvre littéraire**. Geneva: Slatkine, 1906, p. 64-66.

HIPP, Marie-Thérèse. Le mythe de Tristan et Iseut et *La Princesse de Clèves*. **Revue d'histoire littéraire de la France**, v. 65, n. 3, Paris, PUF, Juillet, 1965, p. 398- 414.

HYMAN, Richard J. The Virtuous *Princesse de Clèves*. **The French Review**, v. 38, n. 1, Oct., 1964, p. 15-22.

KOPPISCH, Michael S. The Dynamics of Jealousy in the Work of Madame de Lafayette. **The Johns Hopkins University Press, MLN**, v. 94, n. 4, French Issue: Perspectives in Mimesis, May, 1979, p. 757-773.

KUPPER, Nelly Grossman. A woman's choice: duty and desire in *La Princesse de Clèves*. **Northern Michigan University**, Symposium, p. 95-105, Sum. 2001.

LANSON, Gustave. Les mondains: La Rochefoucauld, Retz, Madame de Sévigné. In: **Histoire de la littérature française**. Paris: Hachette, 1912. p.473-491.

LAWRENCE, Francis L. *La Princesse de Clèves* reconsidered. **The French Review**, v. 39, n. 1, Oct., 1965, p. 15-21.

MAGNY, Claude-Edmonde. Le cruel Radiguet. In: **Histoire du roman français depuis 1918**. Paris: Seuil, 1950, p.106-114.

MORELLO, André-Alain. La Rochefoucauld. In: LAFOND, Jean (Org.). **Moralistes du XVIIe siècle**. Paris: Robert Laffont, 1992, p. 103-232.

PINGAUD, Bernard (Coaut. de); LA FAYETTE. **La princesse de Cleves: et autres romans**. Paris: Gallimard, 1973. 367 p.

PINGAUD, Bernard (Coaut. de); LA FAYETE, Madame de (Marie-Madeleine Pioche de La Vergne). **Madame de la Fayette par elle-même**. Paris: Seuil, 1959.188 p.

POMMIER, René. Études sur La Princesse de Clèves, 2000. Disponível em: <
<http://rene.pommier.free.fr/Princesse00.htm> >. Acesso em: 20 dez. 2015.

SCOTT, J.W. Le Prince de Clèves. **The Modern Language Review**, v. 52, n. 3, jul., 1957, p. 339-346.

SWEETSER, Marie-Odile. La Princesse de Clèves et son unité. **Modern Language Association**, Chicago, vol. 87, n. 3, p. 483-491, May, 1972.